

Mês da Bíblia: Evangelho de Mateus



03

“Deus conosco”: o Messias da justiça e da misericórdia – uma introdução ao Evangelho de Mateus

Maria Antônia Marques

11

Jesus: o Messias das pessoas excluídas

Centro Bíblico Verbo

19

“Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6)

Maria Antônia Marques e Shigeyuki Nakanose, svd

31

“Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18,20)

Shigeyuki Nakanose, svd

43

Roteiros homiléticos

Aíla Luzia Pinheiro Andrade, nj

SIMPÓSIO PAULUS DE

PASTORAL E COMUNICAÇÃO

COMEMORATIVO DO 1º CENTENÁRIO DE FUNDAÇÃO DOS PAULINOS

O carisma da comunicação intuído pelo Bem-aventurado Tiago Alberione, a fundamentação e a espiritualidade que lhe dão sentido são não apenas específicos da Família Paulina, mas dons para toda a Igreja, que, cada vez mais, procura atualizar

suas formas de evangelizar. A comunicação também não é apenas um setor da pastoral, mas toda a ação pastoral da Igreja é comunicação.

Nesse simpósio, a PAULUS e a revista *Vida Pastoral* reúnem estudiosos de teologia, pastoral, comunicação, missiologia e do carisma paulino para discutir os caminhos, desafios e as interpelações atuais quanto à pastoral e à comunicação.

DIA 28 DE OUTUBRO, TERÇA-FEIRA

1ª palestra – 19h30 às 20h30

Bem-aventurado Tiago Alberione: carisma da comunicação para a Igreja

Palestrante: Pe. Antonio Francisco da Silva, ssp – estudioso da história e do carisma da Família Paulina.

2ª palestra – 20h30 às 21h30

O itinerário da pastoral no último século: de Alberione a Aparecida

Palestrante: Pe. Agenor Brighenti – doutor em Teologia Pastoral, membro da Equipe de Reflexão Teológico-pastoral do CELAM.

DIA 29 DE OUTUBRO, QUARTA-FEIRA

1ª palestra – 19h30 às 20h30

Redes digitais e comunidade: as dimensões conectivas das ecologias sociais

Palestrante: Massimo Di Felice – sociólogo, doutor em Ciências da Comunicação.

2ª palestra – 20h30 às 21h30

Comunidades de comunidades: evangelização e cultura do encontro

Palestrante: Pe. Paulo Suess – doutor em Teologia Fundamental; dedica-se, sobretudo, à Missiologia.

DIA 30 DE OUTUBRO, QUINTA-FEIRA

1ª palestra – 19h30 às 20h30

Comunicação: eixo da ação pastoral da Igreja

Palestrante: Ir. Joana Puntel, fsp – doutora em Ciências da Comunicação e coordenadora do curso de Jornalismo da FAPCOM – Faculdade PAULUS de Tecnologia e Comunicação.

2ª palestra – 20h30 às 21h30

Conversão Pastoral: desafios de renovação da Igreja

Palestrante: João Décio Passos – doutor em Ciências Sociais e Teologia.

LOCAL: FAPCOM (Faculdade PAULUS de Tecnologia e Comunicação)

Rua Major Maragliano, 191 – São Paulo (entre as estações Ana Rosa e Vila Mariana do Metrô)

INSCRIÇÕES: a partir de 1º de outubro no site da PAULUS (www.paulus.com.br)

Para receber certificado, é preciso fazer inscrição.

Caros leitores e leitoras,

Graça e paz!

Como fazemos todos os anos, a edição da *Vida Pastoral* de setembro-outubro é dedicada ao livro bíblico escolhido pela CNBB para aprofundamento no mês da Bíblia – neste ano, o Evangelho de Mateus. Conforme os artigos que seguem, vemos que nesse evangelho Jesus é apresentado como o Messias que realiza as promessas do Antigo Testamento e “toda a justiça” (Mt 3,15), indo além da costumeira interpretação feita pelos líderes religiosos de então. A comunidade de Mateus, formada predominantemente por judeo-cristãos empobrecidos, faz constantes referências a textos do Antigo Testamento para mostrar que a vida e a missão de Jesus têm profundas raízes no povo eleito.

As elites da época imaginavam um messias que reunisse traços de nacionalismo, legalismo, dominação sobre os outros povos e triunfalismo. Propagavam uma divindade, portanto, violenta e castigadora. A “justiça” ensinada por essas lideranças, entre as quais se incluíam os fariseus, consistia em uma observância mecânica da Lei. Isso implicava o rigoroso pagamento de taxas e impostos ao templo; práticas ritualistas que se resumiam às aparências; a lei do puro e do impuro; a “teologia da retribuição”, à luz da qual as pessoas ricas e saudáveis eram vistas como justas e recompensadas por Deus e as pessoas pobres eram consideradas como culpadas por suas desgraças. Muitos pobres não tinham condições para estar de acordo com as exigências religiosas.

Jesus faz uma interpretação da Lei bem diferente e acusa escribas e fariseus de transformá-la em mandamentos humanos a serviço dos grupos dirigentes. Ele afirma que não veio mudar a Lei, mas dar-lhe pleno cumprimento, e que a justiça a ser praticada precisaria superar a noção de justiça dos doutores da Lei (Mt 5,17-20). Ele não enfatiza os detalhes, o lega-

lismo e as aparências, mas diz que é necessária a misericórdia (23,23); seu critério fundamental para a justiça é a solidariedade com os pobres, como mostra a cena do Juízo Final (25,31-46). Ele fez uma inversão no que os escribas pregavam e proclamou os pobres, então considerados “malditos”, como bem-aventurados. Jesus também ultrapassa as expectativas messiânicas refêns da forma distorcida de interpretação das promessas do Antigo Testamento. Por essas razões, foi condenado à cruz.

As pessoas que compunham a comunidade de Mateus – em contraposição às lideranças religiosas de então, que se consideravam o autêntico Israel – compreendiam-se como os verdadeiros continuadores das esperanças da Antiga Aliança. Por isso, entre outras coisas, a genealogia de Jesus que apresentam remonta a Abraão e Moisés, mas contém pessoas excluídas. Elas insistem com firmeza que o Jesus morto na cruz, escândalo para os judeus fariseus, é o legítimo Messias, Emanuel – Deus conosco –, e o Mestre da lei baseada na justiça e na misericórdia. Ele é apresentado como o Messias dos excluídos. Por meio da palavra e da ação de Jesus, criticam a sociedade do império romano e dos judeus fariseus, fundamentada na opressão.

Atualmente persiste o problema da pobreza e da miséria em nosso país e no mundo, bem como persistem compreensões da pobreza como culpa dos pobres, como fruto de preguiça ou comodismo, e não de um sistema injusto e excludente. Também entre os que professam a fé cristã há muitos que pensam assim. Que a leitura e a compreensão do Evangelho de Mateus nos ajudem a nos solidarizar com os pobres e a ser firmes e coerentes na colaboração concreta, como cristãos, para a superação das injustiças sociais.

Pe. Jakson Alencar, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Editor Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP
Conselho editorial Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Zulmiro Caon, Pe. Claudiano Avelino, Pe. Manoel Quinta, Pe. Paulo Bazaglia, Pe. Darci Marin
Capa Pe. Otávio Ferreira Antunes
Ilustrações internas Luís Henrique Alves Pinto
Editoração Fernando Tangi

Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 1809-2071
vidapastoral@paulus.com.br
www.paulus.com.br
www.paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista Vida Pastoral é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel.: (11) 3789-4000

Fax: (11) 3789-4004

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para: Revista Vida Pastoral – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Praça Dom Adauto, S/N
Junto à Cúria – Centro
(83) 3221-5108
joao Pessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Av. 7 de Setembro, 80
Rel. de S. Pedro
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluiz@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



“Deus conosco”: o Messias da justiça e da misericórdia – uma introdução ao Evangelho de Mateus

Maria Antônia Marques*

As comunidades de Mateus acolheram, reinterpretaram e transmitiram os principais fatos e palavras de Jesus à luz de suas realidades e de sua forma de compreendê-lo. Esse evangelho anuncia que Jesus é a realização das promessas do Antigo Testamento; é o Mestre que nos convida a viver a justiça e a misericórdia.

Ao abrir o Evangelho de Mateus, lemos: “Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mt 1,1). Desde as primeiras palavras, vemos a preocupação em reforçar a identidade de Jesus como único e verdadeiro Messias. Para as comunidades de Mateus, o Messias Jesus proclama:

- “Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,6-7);
- “Com efeito, eu vos asseguro que, se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus” (Mt 5,20);
- “Pois, onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18,20);
- “Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me” (Mt 25,35-36).

Essas frases são exclusivas de Mateus e nos dizem quem é Jesus. Com a fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus, as comuni-

*Assessora do Centro Bíblico Verbo e professora na Faculdade Dehoniana, em Taubaté, na Faculdade Católica de São José dos Campos e no Itesp, em São Paulo.
E-mail: cbiblicoverbo@uol.com.br



dades de Mateus acolheram, reinterpretaram e transmitiram os principais fatos da vida dele e das palavras que ele deixou à luz de suas realidades e de sua forma de compreendê-lo. Para entender o Evangelho de Mateus, portanto, é fundamental obter algumas informações gerais sobre ele e responder às seguintes questões: quem o escreveu? O que e por quê? Para quem? Quando e onde foi escrito?

1. Evangelho de Mateus: data e local de redação

O Evangelho de Mateus é fruto de longo processo. A comunidade juntou, organizou, acrescentou ou modificou as várias tradições orais e escritas das palavras e da prática de Jesus para responder à sua realidade concreta e transmitir sua compreensão dele e do seu projeto.

A forma atual do Evangelho de Mateus surgiu por volta do ano 85 d.C., o que pode ser comprovado com base nos seguintes fatos:

- Mateus usou como fonte o Evangelho de Marcos, composto por volta do ano 70. O autor relê e reescreve Marcos, abreviando ou acrescentando outros escritos (cf. Mc 6,30-44; Mt 14,13-21).
- Em Mt 21,41 e 22,7, o autor alude a pormenores concretos da destruição de Jerusalém, a cidade santa, pelo exército romano em torno do ano 70.
- No decorrer dos anos, com base na experiência e na vivência da comunidade, o Evangelho de Mateus considera, desenvolve e interpreta o desastre nacional como castigo de Deus, causado pelo pecado das elites religiosas ao rejeitar Jesus como Filho de Deus (Mt 24,1-31).
- O capítulo 23 do Evangelho de Ma-

teus evidencia o forte conflito dessas comunidades com os judeus fariseus (Mt 5,11-12; 10,17-23; 24,9-14). Mas o evangelho não chega a mencionar a expulsão dos judeo-cristãos da sinagoga, o que pode ter ocorrido por volta do ano 90 (cf. Lc 6,22; Jo 9,22; 16,2).

No fim do século I, as autoridades judaicas começaram a intensificar sua perseguição contra os grupos de judeus de tendências e tradições diferentes, especialmente contra os grupos cristãos da diáspora. As comunidades destinatárias do Evangelho de Mateus pro-

velmente viviam na Síria, em Antioquia. Eis alguns elementos que confirmam essa posição:

a) Em Mt 4,24, o autor relê Mc 1,28.39 e corrige “por toda a Síria”, em vez de “por toda a Galileia”.

b) Inácio, bispo de Antioquia, martirizado por volta do ano 107 d.C., cita os textos de Mateus em suas cartas (cf. a *Carta*

a Policarpo 2,2 e Mt 10,16b).

c) Até o momento atual, não há provas da existência de sinagogas na Galileia no primeiro século, nem antes desse período. As sinagogas surgiram fora da Palestina, na diáspora.

d) O Evangelho de Mateus atribui um papel importante a Pedro (Mt 14,28-31; 15,15; 16,22-23; 17,24-27; 18,21; 19,27), que atuou na igreja de Antioquia (cf. Gl 2,11-14).

2. Quem escreveu e para quem?

O Evangelho de Mateus é o primeiro livro do Novo Testamento, mas não foi o primeiro a ser escrito. Ele anuncia que Jesus é a realização das promessas do Antigo Testamento. Esse texto, provavelmente, constituiu a base de um conjunto de comunidades cristãs que chegaram até o fim do século II. E,



por ter sido posto em primeiro lugar no cânon do Novo Testamento, deve ter sido um evangelho importante para aquele setor do cristianismo que se tornou religião oficial do império romano.

No grupo de Jesus, havia um discípulo que se chamava Mateus, nome que, em hebraico, significa “presente de Deus” e, em grego, é semelhante a *mathetês*, cujo sentido literal é “aprendiz”. Segundo a tradição da Igreja, o autor do evangelho seria esse Mateus. Pápias, bispo de Hierápolis, cidade da Ásia Menor, por volta do ano 130, atribui ao apóstolo Mateus a composição das palavras de Jesus. A discussão, porém, ainda continua em aberto.

A questão do nome do autor não é tão importante, pois, antes de sua redação final, os evangelhos foram ensinamentos catequéticos, orais ou escritos, sobre as palavras e os atos de Jesus. A forma como o evangelho chegou até nós é obra de um redator que organizou os documentos já existentes e elaborados comunitariamente. No caso de Mateus, o grupo de redatores seriam alguns escribas que no texto recebem destaque e são apresentados como discípulos de Jesus (Mt 8,19; 23,34).

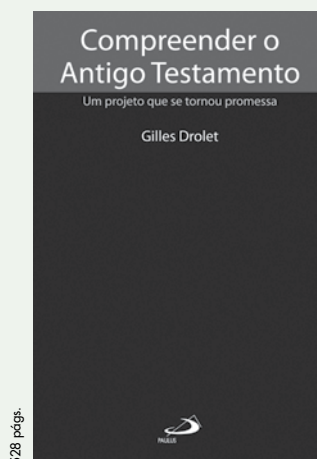
O evangelho foi escrito para as comunidades em que viviam os redatores, provavelmente em Antioquia da Síria, por volta do ano 85 d.C., no fim do século I. Para entender melhor os antecedentes dessas comunidades, é importante relembrar a história dos judeo-cristãos.

Por volta do ano 70 d.C., na Guerra Judaica, os romanos destruíram Jerusalém e o templo. Vários grupos judaicos que participaram da guerra foram massacrados. Os judeus que sobreviveram tiveram de fugir. Algumas comunidades cristãs aí existentes migraram em direção a Pela, no lado oriental do rio Jordão; outras foram para a Fenícia, regiões da Síria, chegando até Antioquia e integrando-se nas comunidades constituídas por judeus da diáspora e de gentios convertidos que existiam nos arredores da cidade.

Compreender o Antigo Testamento

Um projeto que se tornou promessa

Gilles Drolet



Comenta os primeiros livros da Bíblia. Estabelece como promessas que o projeto de Deus está em vias de realização para nós. Apesar de volumoso, a leitura deste livro é agradável e envolvente. O Antigo Testamento é esmiuçado na perspectiva das promessas que se fizeram aos Patriarcas da Primeira Aliança, mas que apontam para as promessas concretizadas na encarnação de Cristo, Verbo do Pai, com seu ministério, Paixão e ressurreição. Em Cristo, as promessas primeiramente destinadas ao povo da Antiga Aliança se tornam verdadeiras e perenes para nós, que professamos a salvação por seu nome!

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





É nesse contexto que surgiu o Evangelho de Mateus, com o objetivo de animar essas comunidades que, desde a Palestina, seguiam Jesus.

3. Pisando o chão da comunidade de Mateus

Na guerra dos judeus contra o império romano, nos anos 66-73 d.C., Jerusalém e o templo foram destruídos e grupos influentes, como os saduceus, os zelotas, os sicários e os herodianos, desapareceram. A destruição do templo, principal referência para milhões de judeus espalhados no império romano, desencadeou forte crise: e agora, o que significa ser judeu? Sem o templo, o que define o judaísmo? Qual o nosso futuro?

O judaísmo precisava se organizar para sobreviver e garantir sua identidade. Liderados pelo rabi Johanan ben Zakai, os judeus fariseus se empenharam na reorganização dos valores e da crença do judaísmo, tendo como instituição central a sinagoga. Esse grupo conquistou o apoio do império romano, que estava interessado na organização dos judeus fariseus, de sua Lei e suas sinagogas, para controlar o povo judeu. Após a morte de Johanan ben Zakai, as autoridades farisaicas se enrijeceram em torno da Lei e os grupos que não aceitaram a linha oficial foram perseguidos e finalmente expulsos da sinagoga, por volta do ano 90.

Em vários locais, o judaísmo e as sinagogas estavam divididos. De um lado, os judeus fariseus se consideravam o verdadeiro Israel e os intérpretes legítimos da Lei. Exerciam suas atividades nas sinagogas, de onde controlavam o cotidiano do povo, por meio da função de explicar, interpretar e impor a Lei. Acreditavam que a libertação do povo só aconteceria com a estrita observância da lei do puro e impuro (Lv 11-15). As pessoas que

não tinham condições de cumprir com todas as exigências da Lei eram consideradas impuras e malditas. O número de pessoas excluídas era grande!

De outro lado, os judeo-cristãos também se consideravam o verdadeiro Israel; eles acolhiam excluídos em seu meio. Os cristãos, que estão por trás do Evangelho de Mateus, fazem a sua proposta de nova interpretação da Lei: “Ide, pois, e aprendei o que significa: ‘Misericórdia é o que eu quero, e não o sacrifício’” (Mt 9,13; cf. Os 6,6). Eles insistem: Jesus morto na cruz, escândalo para os judeus fariseus,

é o verdadeiro Messias, Emanuel – Deus conosco –, e o Mestre da lei baseada na justiça e na misericórdia. Por meio da palavra e da ação de Jesus, os judeo-cristãos criticam a sociedade do império romano e dos judeus fariseus, fundamentada no poder opressor.

O conflito entre os judeus fariseus e os judeo-cristãos era grande. Nesse contexto, algumas perguntas pairavam na cabeça de muitos judeus: quem falava verdadeiramente pelo Deus de Israel? Quem entendia e interpretava com exatidão a Torá? Quem estava capacitado para interpretar o passado e conduzir o povo de Deus ao futuro?

Com base nessas indagações, as comunidades de Mateus acolheram e reinterpretaram os principais fatos e palavras de Jesus à luz de seu contexto e produziram suas próprias reflexões para reanimar seus membros a perseverar no seguimento de Jesus. O movimento de Jesus atravessava forte crise, pois estava em via de separação do judaísmo oficial. Era um grupo minoritário, frágil, oprimido pelo império e pelas autoridades judaicas.

O conflito externo com os judeus fariseus, apoiados pelo império romano, não era o único que as comunidades de Mateus enfrentavam. Havia também os conflitos internos. Essas comunidades eram constituídas em sua

“As comunidades de Mateus acolheram e reinterpretaram os principais fatos e palavras de Jesus à luz de seu contexto.”



maioria por judeo-cristãos, apegados à Lei e às tradições judaicas. Mas nas comunidades havia também os “gentios” e judeo-cristãos helenistas, ou seja, judeus fortemente influenciados pela cultura grega, que tinham uma posição mais aberta em relação à Lei judaica.

Os conflitos eram inevitáveis no dia a dia da vida comunitária. Divergências surgiram na interpretação e no seguimento das palavras e da prática de Jesus; giravam em torno da observância rigorosa da Lei e da tradição judaica, da adaptação ao modo de vida dos “gentios”, da superioridade dos judeo-cristãos em relação aos gentios convertidos, da disputa pela liderança, entre outros (Mt 18,1-11).

Nos conflitos com os judeus fariseus e com o império romano, as comunidades de Mateus tiveram de fortalecer sua identidade e unidade, enfrentando as divergências internas e externas, propondo um diálogo mais abrangente e fraterno. Nessa realidade, o Evangelho de Mateus foi escrito como uma catequese para suas comunidades.

4. Propostas das comunidades de Mateus

O Evangelho de Mateus nasce da resistência de pequenas comunidades de pessoas fiéis a Jesus, sinais da presença salvadora de Deus e de seu reino. Através desse evangelho podemos enxergar comunidades que estão definindo sua identidade. Trata-se de comunidades que estão se fortalecendo para resistir ao controle da sinagoga e do império romano e superar as divergências internas e externas. A volta de Jesus completará a salvação de Deus e estabelecerá o seu reinado sobre tudo.

Eis alguns pontos importantes do Evangelho de Mateus:

- a) As comunidades de Mateus acreditam em Jesus como o Messias, em oposição ao messias rei poderoso e defensor da Lei, esparado pelos fariseus (Mt 1,1-2,18). É o

CENTRO BÍBLICO VERBO

Um centro de estudos que há mais de vinte e cinco anos está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades:

► **Cursos intensivos**
Especialização em Bíblia –
Primeiro e Segundo Testamento

► **Mestrado**
Estudos de temas específicos
Línguas do mundo bíblico
(hebraico e grego)

► **Retiro bíblico**

► **Cursos extensivos**
Introdução ao Primeiro e Segundo
Testamento (um sábado por mês)
Especialização e aperfeiçoamento
(semanal)

► **Cursos nas paróquias
e outras entidades**
Além dos cursos realizados na sede do Centro Bíblico Verbo, a equipe presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

Maiores informações:

Rua Antônio das Chagas, 124
Bairro Chácara Santo Antônio
04714-002 – São Paulo-SP
Tel.: (11) 5181-7450

E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br
ou cbiblicoverbo@uol.com.br

Nossa página:
www.cbiblicoverbo.com.br

Facebook:
contato@cbiblicoverbo.com.br



messianismo dos excluídos (Is 42,1-9) contra o messianismo do rei (Ez 37,21-28). Ele é o Messias anunciado pelos profetas, e a sua vida e prática eram cumprimento do plano determinado por Deus.

b) Jesus é o verdadeiro intérprete da Lei: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento, porque em verdade vos digo que, até que passem o céu e a terra, não será omitido nem um só i, uma só vírgula da Lei, sem que tudo seja realizado” (5,17-18). Jesus é o único e verdadeiro Mestre da Lei (5,1; 23,8). A Lei deve estar a serviço da vida, e não condicionada à lei do puro-impuro (Lv 11-15), que acabou se transformando numa observância mecânica e lucrativa, excluindo muitas pessoas, especialmente os pobres.

c) A prática de Jesus pobre, humilde e misericordioso corresponde à justiça de Deus (11,28-30). Ele vem ao encontro do ser humano, perdoa e salva. A sua prática é baseada no amor e na misericórdia (9,13; 12,7). Uma justiça solidária!

d) A correção fraterna contra o legalismo e o rigorismo da sinagoga (18,23-35). É preciso sair e ir ao encontro da pessoa que errou! Essa comunidade proclama que, em Jesus, Deus está conosco: “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (18,20). Sempre: “E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (28,20b).

e) O Juízo Final e o Reino dos Céus (24-25). O critério de julgamento no Juízo Final é a fidelidade à vontade de Deus. O que o Pai quer é a prática da misericórdia e da solidariedade, oposta à teologia da retribuição. Nesta teologia, a salvação (compreen-

dida como prosperidade, vida longa, saúde e ressurreição) é uma retribuição a quem observa a Lei, visando somente à sua salvação e promoção individual. O Reino dos Céus está presente no meio das pessoas misericordiosas e solidárias e será definitivamente estabelecido por uma intervenção de Deus e do seu Messias. O Reino é fruto da gratuidade de Deus (Mt 13)!

5. Estrutura do Evangelho

A estruturação mais comum do Evangelho de Mateus é em cinco livros, com uma introdução sobre as origens de Jesus, os capítulos 1 e 2, e uma conclusão, com a narrativa da sua morte e ressurreição, nos capítulos 26 a 28.

Cada um dos cinco livros contém uma parte narrativa e um discurso. Ao todo são dez partes. É uma forma de Mateus lembrar às suas comunidades o Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) e as dez palavras do Sinaí ou os dez mandamentos, apresentando Jesus como o novo Moisés.

Visualizando a estrutura:

Introdução (1-2)

– Jesus dentro da história do povo de Deus (1,1-17).

– Jesus: um novo começo dentro de um novo Êxodo (1,18-2,23).

Primeira parte: A justiça do Reino de Deus (3-7)

Narração: Jesus traz o Reino de Deus (3-4).

Discurso: O sermão da montanha (5-7) – condições para entrar no Reino.

Segunda parte: Uma justiça que liberta os pobres (8-10)

Narração: os milagres, sinais do Reino (8-9).

“O Evangelho de Mateus nasce da resistência de pequenas comunidades de pessoas fiéis a Jesus, sinais da presença salvadora de Deus e de seu reino.”



Discurso: A missão (10) – como anunciar o Reino.

Terceira parte: Uma justiça que provoca conflitos (11,1-13,52)

Narração: as reações diante da prática de Jesus (11-12).

Discurso: As parábolas do Reino (13,1-52) – o mistério do Reino.

Quarta parte: O novo povo de Deus (13,53-18,35)

Narração: o seguimento de Jesus (13,53-17,27).

Discurso: A comunidade dos seguidores (18,1-35) – sinal do Reino.

Quinta parte: A vinda definitiva do Reino (19-25)

Narração: o Reino é para todos os que se converterem (19-23).

Discurso: a vigilância (24-25) – o futuro do Reino.

Conclusão: A páscoa da libertação (26-28).

6. Principais mensagens do Evangelho de Mateus

No Evangelho de Mateus, Jesus é o Emanuel (Mt 1,23) e se faz presente na comunidade reunida em oração: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18,20). Ele garante a sua presença constante na vida das pessoas: “E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28,20). Jesus é o Mestre que nos convida a viver a justiça e a misericórdia! Com base em alguns textos exclusivos do Evangelho de Mateus, é possível entender o projeto das comunidades que receberam esse evangelho e alguns dos principais ensinamentos de Jesus transmitidos por elas e dirigidos também às nossas comunidades hoje.

1. *Jesus é o Messias das pessoas excluídas.* Há vários séculos o povo judeu esperava pela vinda de um rei-messias poderoso, que viria para restaurar o reino de Israel. De acordo com essa expectativa, o reino judaico seria estabelecido pela intervenção de um Deus poderoso e castigador, por meio de um messias da linhagem de Davi e defensor da Lei oficial. A genealogia de Jesus o apresenta como o Messias de Deus e a plenitude das gerações (1,17), mas há uma surpresa: quatro mulheres estrangeiras são nomeadas nessa lista (Tamar, Raab, Rute e a mulher de Urias), algo não costumeiro nessas genealogias. Elas, junto com Maria, uma mulher grávida antes do casamento, eram consideradas impuras, segundo a Lei oficial. Ou seja, todas eram excluídas da sociedade judaica. Outro aspecto importante é que, na história pessoal de Jesus, podemos ler a história do povo de Israel. As gerações passam, mas a vida permanece e cada geração é responsável pela continuidade da vida. É Deus conosco, renovando o milagre da vida!

2. *Viver a justiça e a misericórdia* (Mt 5,1-12). Seguindo as pegadas de Jesus, somos convocados/os a assumir nosso compromisso com a construção de uma sociedade justa e solidária. No tempo de Jesus e das primeiras comunidades cristãs, escribas e fariseus pregavam e impunham a “teologia da retribuição”, que determinava quem era puro e feliz diante de Deus. Na esteira dessa teologia, as pessoas ricas e saudáveis eram vistas como justas, recompensadas por Deus por sua justiça, e as pessoas pobres, por sua vez, eram consideradas como culpadas por suas desgraças. A pobreza, a miséria e a esterilidade eram compreendidas como castigos de Deus às pessoas consideradas pecadoras e impuras. O critério para considerar uma pessoa justa ou injusta era a rigorosa observância da Lei, com os inúmeros impos-



tos religiosos. Havia muita gente sem condições de observar a Lei e que mal sobrevivia no dia a dia. Jesus e as comunidades cristãs propõem uma inversão social: proclamam que os malditos pela sociedade injusta são os benditos de Deus.

3. *A prática do amor nos aproxima de Deus* (Mt 6,1-6.16-18). As obras de piedade judaica – oração, esmola e jejum – eram fortemente incentivadas desde o século V a.C. e se tornaram meios para ganhar a salvação individual e a promoção pessoal. Na prática da esmola, os pobres foram transformados em objetos para adquirir “pontos” ou favores de Deus. As obras de piedade acabaram perdendo a sua finalidade de estabelecer e fortalecer a comunicação com Deus e com o próximo. Para Jesus, as obras da piedade estão a serviço da vida, e não a serviço da promoção pessoal e da hipocrisia.

4. *Cristo está presente na comunidade reunida* (Mt 18,15-22). Após a destruição do templo de Jerusalém, os fariseus se organizaram na sinagoga. Aos poucos, esse grupo assumiu a observância rigorosa da Lei, tornando-se extremamente legalista, a ponto de expulsar os grupos dissidentes. Os encontros e a vida das comunidades estavam cada vez mais centrados na prática de rituais. Na oração das dezoito bênçãos, escritas nesse período, pede-se que os “nazareus” e os “minim” pereçam. Em meio à perseguição externa e aos conflitos internos, as comunidades de Mateus, seguidoras de Jesus de Nazaré, devem fortalecer a unidade para sobreviver. Nesse sentido, convém reforçar a importância do perdão, da sensibilidade e da prática concreta da solidariedade na comunidade. A correção

fraterna e o perdão são fundamentais para consolidar a vida em comunidade.

5. *Jesus está presente nas pessoas marginalizadas* (Mt 25,31-46). Os judeus do século I acreditavam na transformação do mundo por meio da intervenção de Deus, precedida por um momento de grandes tribulações e sofrimentos. Desde a chegada dos gregos, em 333 a.C., Israel sofre com as destruições e perseguições de seus inimigos. A vinda de um Messias iria instaurar o Reino de Deus, concedendo a vitória aos justos. As comunidades de Mateus também

fazem a sua releitura do Juízo Final e apresentam Jesus, o Filho do homem, como rei e juiz de todas as nações, para separar as pessoas umas das outras, tendo como critério não a lei do puro e impuro, mas a nova justiça do Reino: a prática concreta do amor solidário. Dessa forma, as comunidades de Mateus trazem o julgamento final para o seu dia a dia: não devemos nos preocupar tanto com os sinais cósmicos, mas com o que fizermos

hoje com os nossos irmãos pequeninos e injustiçados, pois esse será o critério para a salvação eterna.

Pisar no chão das comunidades de Mateus é um convite para entendermos o contexto da época, especialmente a intolerância e as rivalidades existentes entre as lideranças religiosas da época e as comunidades de Mateus. O Evangelho de Mateus é intolerante com as autoridades judaicas, apresentando-as como agentes do diabo (Mt 4,1-11; 12,34; 16,1-14; 19,3; 22,15.34). É preciso ir além desse conflito e perceber a insistência de Jesus na vivência da compaixão, do serviço mútuo e na resolução não violenta dos conflitos. Como discípulas e discípulos, sentemo-nos para aprender do Mestre a viver “a justiça, a misericórdia e a fidelidade” (Mt 23,23). ●

“Em meio à perseguição externa e aos conflitos internos, as comunidades de Mateus, seguidoras de Jesus de Nazaré, devem fortalecer a unidade para sobreviver.”



Jesus: o Messias das pessoas excluídas

Centro Bíblico Verbo*

A história de Jesus não é individual, mas está profundamente enraizada na história do povo de Israel e de vários povos. As comunidades de Mateus afirmam que Jesus é o legítimo Messias, mas de uma família marcada pela presença de excluídos. É o Messias que ultrapassa a lei do puro e impuro. É o Messias dos excluídos!

Esperamos em Deus, nosso Salvador, pois a força de nosso Deus é eterna em misericórdia, e o reino do nosso Deus é para sempre sobre as nações em julgamento. Senhor, tu escolheste a Davi como o rei de Israel e jurou-lhe sobre sua descendência para sempre, para que o seu reino não declinasse antes de ti (Salmos de Salomão 17,3-4).

Esse salmo foi extraído de um livro apócrifo do Antigo Testamento. Provavelmente escrito pelo grupo dos fariseus por volta do ano 50 a.C., revela a expectativa messiânica criada pela elites religiosas judaicas ao longo da história de Israel.

1. O rei-messias e o juiz-messias

A espera de um rei-messias poderoso, como o rei Davi, tem a sua origem no reinado da casa davídica, que praticamente controlou o povo de Judá durante 400 anos. Na longa tentativa de dominação, a imagem do rei davídico

*www.cbiblicoverbo.com.br
E-mail: cbiblicoverbo@uol.com.br



se fortalece, como é possível perceber no Salmo 2,2.6-12:

Os reis da terra se insurgem, e, unidos, os príncipes enfrentam Javé e seu Messias. “Fui eu que consagrei o meu rei sobre Sião, minha montanha sagrada!” Publicarei o decreto de Javé: Ele me disse: “Tu és meu filho, eu hoje te gerei. Pede, e eu te darei as nações como herança, os confins da terra como propriedade. Tu as quebrarás com um cetro de ferro. Como um vaso de oleiro as despedaçarás”. E agora, reis, sede prudentes, deixai-vos corrigir, juizes da terra. Servi a Javé com temor, beijai seus pés com tremor, para que não se irrite e pereçais no caminho, e num instante sua cólera inflama. Felizes aqueles que nele se abrigam.

O Salmo 2 surgiu para ser cantado na liturgia da coroação de um novo rei. Esse salmo descreve o rei de Judá como filho de Deus e dominador das nações. O rei conduz o seu povo e os povos vizinhos para ter temor a Javé, apresentado como divindade violenta e castigadora. O rei e os poderosos de Judá seguem no mesmo caminho dos grandes impérios, como o Egito e a Assíria: a imagem do rei-messias é criada à semelhança dos imperadores, com o poder do exército e da religião.

No tempo do exílio, o messianismo do rei poderoso transforma-se no elemento dominante do projeto de reconstrução de Judá. Em 597 a.C., Nabucodonosor, imperador da Babilônia, com seus oficiais, tomam a cidade de Jerusalém (cf. 2Rs 24,1-17). Uma parte dos dirigentes de Jerusalém é deportada para a Babilônia. Nesse grupo estão o rei Joaquin, sua família, os altos funcionários, os artesãos de Jerusalém, a aristocracia militar e os sacerdotes oficiais, entre os quais Ezequiel, sacerdote-profeta (cf. 2Rs 24,12-16; Ez 1,1-3).

Com a destruição de Jerusalém em 587 a.C., a ideia messiânica do rei poderoso como Davi, retomada pelo grupo de Ezequiel, torna-se um elemento importante para fortalecer a identidade do grupo no exílio e para reanimar a esperança da reconstrução de Judá:

Suscitarei para eles um pastor que os apascentará, a saber, o meu servo Davi: ele os apascentará, ele lhes servirá de pastor. E eu, Javé, serei o seu Deus e meu servo Davi será príncipe entre eles. Eu, Javé, o disse. Concluirei com eles uma aliança de paz e extirparei da terra as feras, de modo que habitem no deserto em segurança e durmam nos seus bosques (Ez 34,23-25).

Pela intervenção de Deus poderoso, o reino de Judá com o rei-messias será restaurado: “quando eu quebrar as varas do jugo e os libertar da mão dos que os sujeitavam” (Ez 34,27b).

O grupo de Ezequiel, assim, descreve o rei-messias que chegará com o poder de salvação de Deus por meio da espada.

Além disso, acrescenta a observância da Lei à característica do rei-messias: “O meu servo Davi será rei sobre eles, e haverá um só pastor para todos, e andarão de acordo com as minhas normas e guardarão os meus estatutos e os praticarão” (Ez 37,24).

No exílio da Babilônia não havia culto nem templo de Javé. Em toda parte, os exilados recebiam influências da religião poderosa e sofisticada da Babilônia. Para manter a identidade e a unidade do grupo deportado de judeus na Babilônia, o grupo de Ezequiel, então, insistiu em observar os ritos e os estatutos de Deus: “Não voltarão a contaminar-se com seus ídolos imundos, com suas abominações e com todas as transgressões. Salvá-los-ei das suas apostasias com que pecaram e os purificarei, para que sejam o meu povo e eu seja o seu Deus” (Ez 37,23). No exílio, a observância da Lei passa a

“O rei e os poderosos de Judá seguem no mesmo caminho dos grandes impérios, como o Egito e a Assíria.”

ser uma das principais formas de o grupo manter a sua identidade como povo eleito e a sua esperança na restauração da dinastia e expressar a sua fidelidade a Javé (Zc 7,1-3; 8,18-19).

Após o tempo do exílio, a religião recriada e praticada pelo grupo de Ezequiel se tornará a base do governo teocrata de Neemias e de Esdras: a terra santa, o povo eleito, a lei do puro e do impuro, os ritos – circuncisão, sábado, jejum –, a teologia da retribuição, a responsabilidade individual etc. Esses elementos, futuramente, constituirão também a base teológica da nata do sinédrio, que condenará Jesus de Nazaré.

Nessa circunstância, a figura do defensor da Lei adquire força nas características do Messias. Na esperança do império judaico estabelecido pela intervenção de Deus, a libertação só acontece com a chegada do juiz-messias, que salva os puros e condena os impuros, segundo a observância das leis e dos ritos:

Este é o Messias que o Altíssimo tem mantido até o fim, que surgirá da posteridade de Davi e virá a denunciá-los por sua impiedade cruelmente malícia e por suas relações desrespeitosas. Eles serão colocados ante sua cadeira de juiz, e ele os reprovará e condenará (4 Esdras 12,32-33).

O quarto livro de Esdras é um apócrifo cujo autor e origem são desconhecidos. Possivelmente foi escrito no final do primeiro século d.C. Esse livro fala de um reino messiânico antes do Juízo Final, no qual o pequeno número dos puros será salvo e entrará na Jerusalém celeste. No Juízo Final, o messias, como conhecedor e defensor da Lei, estabelecerá o tribunal e determinará a salvação para todos.

Em síntese, as características do messianismo, nascidas ao longo da história do judaísmo, são as seguintes: 1) O rei-messias, com a esperança de um império judaico estabelecido pela intervenção de Deus; 2) Um rei de estirpe davídica; 3) Um filho de Israel como povo eleito de Javé; 4) O juiz-messias como defensor da Lei.

Para ler o apóstolo Paulo

Chantal Reynier



Esclarecimentos necessários para que todos os interessados na temática paulina tenham acesso à profundidade de sua mensagem.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



Assim delineado, o messianismo aparece na oração sinagagal, organizada em sua forma atual sob a orientação do rabino Gamaliel II, fariseu e um dos melhores professores da Lei, por volta do ano 100 d.C.:

Rapidamente faz com que a descendência de Davi, seu servo, floresça, e levante a sua glória pela sua ajuda divina, porque esperamos por tua salvação todo dia. Bendito és tu, ó Eterno, que faz com que a força da salvação floresça (Oração das dezoito bênçãos, 15. Oração para o rei messiânico).

A Oração das dezoito bênçãos é entoada na sinagoga com a orientação dos fariseus, cujos escribas e mestres da Lei impõem uma interpretação única da Lei. Depois do ano 70 d.C., os judeus fariseus ortodoxos e impositivos começam a excluir e perseguir os outros grupos judeus com tendências e tradições divergentes, incluindo os judeo-cristãos. Para os judeus fariseus, o fato de Jesus ter vivido no meio dos impuros e morrido na cruz era um escândalo (1Cor 1,23).

O Evangelho de Mateus nasceu nesse contexto de confronto e perseguição com os judeus fariseus, especialmente com as autoridades da sinagoga. No primeiro capítulo, a porta de entrada do livro, as comunidades de Mateus apresentam a genealogia de Jesus de Nazaré. Jesus é descrito como Messias e Filho de Deus de uma forma diferente do judaísmo farisaico.

2. A genealogia de Jesus Cristo

O início do Evangelho de Mateus pode ser entendido como título que introduz todo o livro: “Livro da origem de Jesus Cristo” (Mt 1,1a). A expressão “origem” lembra a criação. Com Jesus, inicia-se a nova criação da humanidade. O nome Jesus é a forma grega do hebrai-

co *Joshua* e significa “Deus salva”. Cristo é a forma grega do termo hebraico “messias”, que significa “ungido”, ou seja, alguém escolhido para o serviço de Deus.

Depois aparece uma lista dos antepassados ou a *genealogia* de Jesus. A genealogia comprova que alguém pertence a uma família, clã, tribo e povo. É algo muito característico da cultura judaica. Só era considerado membro de Israel, o povo eleito, quem pertencia à família judaica. Uma pessoa sem família não tinha identidade, não era cidadão nem tinha espaço na comunidade. Por meio das famílias, eram transmitidos costumes, ideias, memória de lutas, derrotas e vitória (Sl 44,2).

Os primeiros nomes na genealogia: “Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mt 1,1b). Ao relacioná-lo com Davi e Abraão, duas figuras principais da história de Israel, as comunidades de Mateus mostram que Jesus tem profundas raízes no povo eleito. Ele é verdadeiramente o Messias prometido, o fruto final de uma história de buscas, lutas e vitórias. Seu nascimento é entendido na perspectiva da bênção e da promessa de Deus a Abraão (Gn 12,2-3). Jesus é o Messias prometido ao povo que luta pela vida abençoada, terra e paz.

Essa afirmação da identidade de Jesus como o Messias prometido é reforçada, de modo especial, pela apresentação da genealogia. A lista dos antepassados de Jesus segue uma estrutura de três unidades: de Abraão até Davi; de Davi até o exílio na Babilônia; do exílio babilônico até Jesus, numa sequência de três vezes quatorze gerações (Mt 1,17). É importante lembrar que as consoantes do nome David possuem esse valor numérico: D = 4; V = 6; D = 4. O número 14 é múltiplo de 7. Ou seja, Jesus é a plenitude das gerações e Messias-Rei. O interesse do Evangelho de Mateus é mostrar que o messianismo de Jesus tem profundas raízes no povo eleito.

“A genealogia de Jesus em Mateus traz características muito especiais, não encontradas no Evangelho de Lucas.”

Mas há uma surpresa: todos esperavam que o Messias fosse um rei poderoso como Davi e viesse defender o povo contra seus inimigos. Jesus, no entanto, foi um Messias diferente do esperado, apesar de filho de Davi.

A genealogia de Jesus em Mateus traz características muito especiais, não encontradas no Evangelho de Lucas (3,23-38). Além de estar organizada em três blocos de quatorze gerações (Mt 1,17), também inclui cinco mulheres (Mt 1,3.5a.5b.6.16), todas as quais com algum problema em relação à Lei judaica. Vejamos quem eram essas mulheres:

- Tamar (Mt 1,3): estrangeira, casada com o filho primogênito de Judá, fica viúva e sem filho. Na luta por seus direitos e pela vida, seduz o sogro e torna-se a mãe de um filho, a continuidade da família (Gn 38).
- Raab (Mt 1,5a): estrangeira solidária que reconhece que o Deus de Israel salva o povo na guerra (Js 2).
- Rute (Mt 1,5b): estrangeira (moabita), pobre e viúva, solidariza-se com sua sogra israelita e abre-se a outra cultura e tradição, lutando pela vida (Rt 1-4).
- Mulher de Urias (Mt 1,6): ela, Betsabeia, podia ser uma israelita, mas era casada com um hitita, o que a tornava uma estrangeira, conforme a interpretação tardia da Lei (2Sm 11).
- Maria (Mt 1,16): a mãe de Jesus. A gravidez dela estava fora da Lei (Mt 1,18).

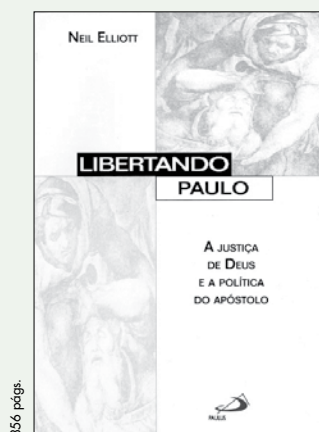
As mulheres citadas, de acordo com a Lei, eram excluídas, mas ajudaram a salvar Israel. Ao incluir esses nomes, as comunidades de Mateus afirmam que Jesus é o legítimo Messias, mas de uma família marcada pela presença de excluídos. É o Messias que ultrapassa a Lei do puro e impuro. É o Messias dos excluídos!

A genealogia afirma que o homem é o responsável pela descendência: “Abraão gerou Isaac, Isaac gerou Jacó, Jacó gerou Judá e seus ir-

Libertando Paulo

A justiça de Deus e a política do apóstolo

Neil Elliott



Apresenta Paulo como evangelizador e guia das comunidades cristãs, a fim de que ele seja liberto das amarras que o prendiam a sistemas opressores.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



mãos...”. O homem é o sujeito, e a mulher tem a função de auxiliar na geração dos filhos. Quando chega a Maria, rompe-se essa estrutura: “José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus chamado Cristo” (Mt 1,16). Maria é o sujeito, e não se menciona a atividade do pai. Maria, a serva do Senhor, não está a serviço da estrutura patriarcal vigente, que marginaliza e exclui as pessoas fora da Lei.

A história de Jesus não é individual, mas está profundamente enraizada na história do povo de Israel e de vários povos. As comunidades de Mateus reafirmam que ele é a realização da bênção para todas as nações. É o único e verdadeiro Messias.

3. O nascimento e a infância de Jesus Cristo¹

E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és o menor entre os clãs de Judá, pois de ti sairá um chefe que apascentará Israel, o meu povo (Mt 2,6; cf. Mq 5,1).

As histórias do nascimento e da infância, bem como todo o evangelho, não são biografia. Trata-se de uma narrativa que contém a proposta teológica e catequética de Mateus. Ao reagir à perseguição do grupo dos fariseus e às divergências internas no cristianismo, as comunidades de Mateus devem testemunhar para que todos reconheçam em Jesus de Nazaré o Messias.

Depois de apresentar a genealogia de Jesus como o Messias prometido a Israel, o Evangelho de Mateus deixa claro, em seus dois primeiros capítulos, que esse Jesus, o Messias dos excluídos, será rejeitado e perseguido pelos governantes e seus partidários judeus em Jerusalém, mas acolhido pelos magos e nazarenos, representantes de todos os povos.

Assim, o evangelho descreve a história do

anúncio a José, homem justo, e a dos magos do Oriente, para convocar todos e todas a se tornarem discípulos e discípulas do Senhor Jesus pela prática da justiça, de modo que Jesus é o novo Moisés, e a comunidade de seus discípulos, o novo Israel, no qual os pobres, personificados no Nazareno da Galileia, são acolhidos. Eis as mensagens desta dita narrativa da infância de Jesus:

1) Anúncio a José (Mt 1,18-25)

Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e o chamarão com o nome de Emanuel (Mt 1,23; cf. Is 7,14).

Mateus apresenta Jesus como Filho de Deus com mãe humana. É o mistério da vida, no qual Deus Pai-Mãe, gerador de vida, toma a iniciativa e encontra acolhida em Maria, símbolo da humanidade sedenta de vida.

José, de início, tem muita dificuldade em aceitar aquela gravidez difícil de explicar.

A Lei condenava as mulheres que aparecessem grávidas antes do casamento (Dt 22,13-21). Se José fosse justo conforme a Lei oficial, teria de denunciar Maria, mas ele é apresentado como alguém que vive a nova prática da Lei. O encontro com o anjo faz José entender qual é o projeto de Deus: a defesa radical da vida. Dessa forma, Maria é o símbolo da humanidade que acolhe a graça de Deus, e José é o símbolo do homem verdadeiramente justo, que põe a vida acima da Lei.

Mateus quer mostrar que o motivo da decisão de José é o desígnio de Deus anunciado pelo profeta Isaías (Is 7,14), que afirmava que o Filho de Davi seria a manifestação de Deus presente na história. Essa criança é o Emanuel – Deus conosco (Mt 1,22-23) –, nascido de uma virgem por pura iniciativa de Deus. O nascimento de Jesus, que significa “Javé salva” (Mt 1,21), elimi-

“A afirmação da presença de Jesus – Deus conosco – na comunidade é tão importante, que aparece no início, no meio e no fim do evangelho.”

na a separação entre Deus e o ser humano.

Esta afirmação da presença de Jesus – Deus conosco – na comunidade é tão importante que aparece no início (Mt 1,23), no meio (Mt 18,20) e no fim do evangelho (Mt 28,20), constituindo o seu eixo principal. Por meio da presença, da palavra e da prática de Jesus, revela-se a certeza bíblica presente no nome de Deus (Ex 3,14-15). Ele esteve, está e estará conosco (Ap 1,8)!

2) Magos do Oriente (Mt 2,1-12)

Eis que vieram magos do Oriente a Jerusalém, perguntando: “Onde está o rei dos judeus recém-nascido? Com efeito, vimos sua estrela no céu surgir e viemos homenageá-lo” (2,1-2; cf. Nm 24,17).

Para indicar o nascimento do menino, Mateus fala de uma estrela. Os orientais costumavam dizer que uma estrela especial surgia quando nascia alguém muito importante. As comunidades de Mateus querem enfatizar a importância do nascimento de Jesus e nos dizer que essa presença de Deus conosco é ameaça para uns e esperança para outros. Os magos do Oriente, simbolizando as diversas nações, buscam o Messias. Por isso, dirigem-se a Jerusalém, centro político, econômico e religioso da Palestina, para pedir informações, porque querem homenageá-lo (Mt 2,2). É o tempo do reinado de Herodes, testa de ferro de Roma, império que oprimia e marginalizava o povo.

Herodes e toda a sua elite entram em pânico (Mt 2,3). Chama os chefes dos sacerdotes e escribas, para que verifiquem as Escrituras (Mt 2,4). Estes confirmam, com base no profeta Miqueias (Mq 5,1), que o Rei dos judeus nasceria em Belém de Judá. O pavor do rei aumenta. O nascimento desse menino é uma ameaça para todos aqueles que oprimem o povo. A solução é perseguir e eliminar quem está no meio do povo lutando por sua libertação. Por trás dessa história, está a experiência concreta das comunidades de Mateus (Mt 10,23).

Para concretizar seus planos, Herodes pede aos magos que o mantenham informado de suas descobertas, para que ele também possa prestar homenagem ao novo rei (Mt 2,8). Eles partem, chegam à casa e encontram o menino e sua mãe (Mt 2,11). O encontro com Jesus se dá na casa, onde há lugar para todos.

Os presentes dos magos expressam seu reconhecimento. Jesus é verdadeiramente o Messias, rei justo e misericordioso, que morre pela sua prática em favor da vida e será ressuscitado por Deus e reconhecido por todos como Filho de Deus (Mt 27,54). Os estrangeiros da história de Mateus sabem discernir os sinais. Despistando as elites, os magos voltam para suas terras e culturas de origem por caminhos diferentes (Mt 2,12).

3) Fuga para o Egito (Mt 2,13-18)

Ouviu-se uma voz em Ramá, choro e grande lamentação: Raquel chora seus filhos; e não quer consolação, porque eles já não existem (2,18; cf. Jr 31,15).

Herodes ficou furioso por ter sido enganado pelos magos. O nascimento desse menino põe em risco a situação vigente. Era preciso uma solução imediata: matar todos os meninos de Belém e de seus arredores com menos de 2 anos (Mt 2,16).

Segundo a história contada pelos judeus, a mesma medida fora adotada pelo faraó do Egito, 1.200 anos antes, para eliminar o povo hebreu que se tornava um perigo para o Estado opressor (Ex 1). A violência é ilustrada pela lamentação de Raquel, representando a mãe israelita que chora a morte de seus filhos no desastre nacional da destruição de Jerusalém e do exílio na Babilônia. Em meio à perseguição e morte, Moisés fora salvo (Ex 2,1-10). Jesus também escapou da morte.

Diante do perigo iminente, José obedece à ordem divina: “Ele se levantou, tomou o menino e sua mãe, durante a noite, e partiu para o Egito. Ali ficou até a morte de Herodes, para que se cumprisse o que dissera o Senhor por



meio do profeta: *Do Egito chamei o meu filho*" (Mt 2,14-15). A citação de Os 11,1 refere-se, em seu contexto original, a Israel, libertado da escravidão do Egito para formar um povo eleito e amado por Deus.

Aqui o menino Jesus, chamado de "meu filho", salvo das mãos de Herodes, foge para o Egito, a terra de Moisés, e depois volta à terra prometida para formar o novo povo de Israel, as comunidades cristãs. Toda a narrativa mostra o papel de Jesus: ele será o novo Moisés. Vai ser o libertador do povo sofrido, vítima inocente da ambição do poder.

4) Volta do Egito (Mt 2,19-23)

Ao ter notícias da morte de Herodes, José voltou com Maria e Jesus para a Palestina. Como o substituto de Herodes na Judeia era seu filho Arquelau, tão violento quanto o pai, José se dirigiu com a família para a Galileia: "foi morar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que foi dito pelos profetas: *Ele será chamado Nazareu*" (Mt 2,23).

Como se pode observar, Mateus cita continuamente o Antigo Testamento, pois quer mostrar que, em Jesus, as Escrituras se cumpriram. A ação de Jesus e a fé que a comunidade deposita na pessoa dele estão em continuidade com as tradições e promessas da história de Israel. O evangelista busca nas profecias a confirmação para a autoridade de Jesus e, ao mesmo tempo, apoio para a fé e a vida de suas comunidades (cf. Is 42,1-9). Por sua vez, os judeus fariseus procuravam nas mes-

mas escrituras fundamento para sua expectativa messiânica.

As comunidades de Mateus querem deixar claro que Jesus é filho de Abraão, filho de Davi, o novo Moisés. Ele é o Messias prometido que veio para todos, especialmente para os camponeses explorados e oprimidos de seu tempo, que constituíam 90% ou mais da população da Palestina. Os judeus fariseus rejeitam Jesus porque ele não corresponde às suas expectativas messiânicas triunfalistas e legalistas.

As diferentes reações diante da chegada

de Jesus são apresentadas por Mateus com a visita dos magos, estrangeiros, e a acolhida dos nazarenos, os pobres galileus. Enquanto os peritos da Lei recusam o verdadeiro Rei e os governantes o procuram para matá-lo, os impuros (gentios e pobres) procuram-no, acolhem-no e lhe oferecem presen-

tes. Jesus não oferece uma salvação pela violência, não pretende realizar o sonho de uma nação judaica triunfalista, como queriam alguns. A salvação vem quando a humanidade reconhece sua fraqueza e começa a organizar o mundo a partir dos "pequenos".

Jesus é Filho de Deus e da história humana. Ele é a síntese do mistério da vida, no qual Deus toma a iniciativa de oferecer vida e a humanidade, representada por Maria e José, acolhe essa vida. O Espírito de Deus produz vida quando há receptividade e abertura. Como Deus tem se manifestado na vida de nosso povo? Quais os sinais de acolhida e de resistência a essas manifestações?

"A salvação vem quando a humanidade reconhece sua fraqueza e começa a organizar o mundo a partir dos pequenos".

Conheça nossa
página na internet
vidapastoral.com.br





“Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6)

Maria Antônia Marques
Shigeyuki Nakanose, svd*

Com base na leitura das bem-aventuranças do Evangelho de Mateus, podemos enxergar a realidade dessas comunidades. São comunidades oprimidas e empobrecidas. Deus se coloca ao lado dos pobres e indigentes que vivem em uma situação estruturalmente injusta. Por isso, a insistência na prática da justiça, da misericórdia e da construção da paz.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) divulgou, em 2012, uma estimativa global quanto ao tráfico humano: as vítimas do trabalho forçado e exploração sexual são 20,9 milhões de pessoas em todo o mundo, sendo que o número de traficados na América Latina e Caribe é de 1,8 milhões [sic], uma estimativa de 3,1 casos por mil habitantes (Jornal Eletrônico Rondoniaovivo.com/Campanha da Fraternidade – “Fraternidade e Tráfico de Pessoas”. Acesso em: 3 mar. 2014).

No Brasil, a realidade presente do tráfico de pessoas permanece gritante. Por exemplo, de acordo com o Ministério do Trabalho, desde 1995, quase 34 mil escravos foram libertos. Em 2013, 1.967 pessoas ganharam a liberdade. Estima-se que deve ser muito maior o número real de pessoas traficadas que ainda não foram resgatadas por fiscalizações realizadas pelo governo federal. Mais de 200 anos após a abolição da escravidão, muitas pessoas ainda vivem em uma situação desumana no dia a dia,

*Professores na área de Bíblia, escritores e membros da equipe do Centro Bíblico Verbo. www.cbiblicoverbo.com.br
E-mail: cbiblicoverbo@uol.com.br



em cada região do Brasil. Boa parte desses trabalhadores foi vítima de promessas fraudulentas e tráfico humano.

Por exemplo, uma menina indígena da etnia carajá, aldeia Aruana, foi aliciada por uma mulher desconhecida para trabalhar num evento em uma fazenda. Apesar da proibição da mãe, ela foi convidada para tomar sorvete e ali foi raptada, sob ameaça de um revólver. Foi levada para Minas Gerais, onde foi obrigada a mendigar nas estradas. Se recusasse o trabalho, receberia até pedradas. Depois, foi levada ao Paraguai para trabalhar no tráfico de armas. É uma menina que passou por uma situação “infernal” de escravidão.

Um dos desafios existentes nas comunidades de Mateus era a necessidade de conviver e trabalhar com as pessoas injustiçadas, empobrecidas e escravizadas. Em diversos textos exclusivos do Evangelho de Mateus, vemos a realidade sofrida das pessoas. Por exemplo:

*“Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e vies-
tes ver-me” (Mt 25,35-36).*

Se um pobre deplorável fosse judeu, a situação ainda era pior. Segundo a lei judaica do puro e do impuro, ele era considerado como impuro e amaldiçoado por Deus. O critério para considerar uma pessoa pura ou impura era a rigorosa observância da Lei, com os inúmeros impostos religiosos. Havia muita gente que não podia seguir a Lei nem sobreviver no dia a dia: na maioria eram camponeses sem terra, desempregados, famintos, forasteiros, doentes, perseguidos etc. Eram taxados de impuros, infelizes e malditos.

Jesus e as comunidades cristãs propõem

uma inversão: proclamam que os malditos pela sociedade injusta são os benditos, e o critério para essa bênção é a vivência da justiça e da misericórdia. Para refletir sobre essa proposta cristã de inversão à luz de Mt 5,1-12, vamos conhecer, primeiramente, a realidade dos judeo-cristãos pobres e amaldiçoados pelas autoridades judaicas do tempo de Mateus.

1. Quem são as pessoas felizes e justas?

Bem-aventurado o homem de quem o Senhor se lembra com convicção; será rodeado pelo caminho do mal com açoite, para ser purificado dos pecados e para que eles não se multipliquem. O que tem a retaguarda preparada por açoites será purificado; o bondoso Senhor é para os que preservaram a disciplina. Estabelecerá os caminhos dos justos, e não se desviará no ensino; a misericórdia do Senhor está sobre os que o amam em verdade. E o Senhor será lembrado pelos seus servos em misericórdia; e o testemunho na lei da Aliança Eterna é o tes-

temunho do Senhor acerca dos caminhos dos homens na visitação. Justo e Santo é o nosso Senhor em seus decretos para sempre, e Israel com regozijo louvará o nome do Senhor. E os justos confessarão na assembleia do povo, e Deus no regozijo de Israel terá misericórdia dos pobres. Porque bondoso e misericordioso é Deus para sempre, e as sinagogas de Israel glorificarão o nome do Senhor. Do Senhor é a salvação sobre a casa de Israel, para eterno regozijo (Salmo de Salomão 10,1-8 – texto apócrifo).

Os Salmos de Salomão, escritos por volta do ano 50 a.C., apresentam os assuntos debatidos

**“A teologia do
judaísmo farisaico
afirmava que Deus
abençoa a pessoa
justa com riqueza,
vida longa e
descendência, mas
a pessoa injusta ele
castiga com doença,
pobreza e sofrimento.”**



pelo grupo dos fariseus em suas sinagogas. Entre outros, destaca-se a insistência na observância da Lei, a teologia da retribuição divina, a expectativa messiânica e a justiça como o resultado da observância da Lei.

O grupo do judaísmo farisaico declara “felizes” e “justos” os que observam a Lei. Sua teologia afirma que Deus abençoa a pessoa justa com riqueza, vida longa e descendência, mas a pessoa injusta ele castiga com doença, pobreza e sofrimento. Nessa teologia, quem não consegue observar a Lei é considerado impuro, amaldiçoado e endemoninhado. Os sinais externos de riqueza ou pobreza são vistos respectivamente como sinais da bênção ou da maldição de Deus. Havia muitos judeus que não conseguiam honrar as leis e os tributos religiosos, como o dízimo. Após a destruição do templo, os judeus pobres sofriam toda a carga de restrições legais da sinagoga.

Os evangelhos registram a presença de numerosas pessoas impuras no tempo de Jesus e das primeiras comunidades cristãs: “Ao entardecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados. E a cidade inteira aglomerou-se à porta. E ele curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios” (Mc 1,32-34).

Nas comunidades de Mateus a realidade não é diferente, há muitos problemas sociais, como podemos perceber nas entrelinhas de alguns relatos, por exemplo:

Porque o Reino dos Céus é semelhante ao pai de família que saiu de manhã cedo para contratar trabalhadores para sua vinha. Depois de combinar com os trabalhadores um denário por dia, mandou-os para a vinha. Tornando a sair pela hora terceira, viu outros que estavam na praça, desocupados, e disse-lhes: “Ide, também vós para a vinha, eu vos darei o que for justo”. Eles foram. Tornando a sair pela hora sexta e pela hora nona, fez a mesma coisa. Saindo pela hora undécima, encontrou outros que lá es-

Concílio Vaticano II **Reflexões sobre um carisma** **em curso**

João Décio Passos



Grande avanço na autocompreensão da Igreja, bem como na compreensão do mundo moderno e de sua prática pastoral.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





tavam e disse-lhes: “Por que ficais aí o dia inteiro sem trabalhar?” Responderam: “Porque ninguém nos contratou” (Mt 20,1-7).

As parábolas nascem da realidade cotidiana, de situações corriqueiras. A parábola dos “trabalhadores enviados à vinha” é um texto exclusivo do Evangelho de Mateus, que apresenta a realidade dos membros das comunidades, situadas no interior da Síria e de Antioquia, em torno do ano 85 d.C.

Cerca de 90% da população da Palestina e da Síria no tempo de Jesus e das primeiras comunidades cristãs vive na zona rural, com atividade agropastoril. Isso pressupõe que a maioria dos membros das comunidades de Mateus se ocupa com esse trabalho. Porém, eles têm uma história sofrida. Em torno do ano 67 d.C., a Guerra Judaica explodiu e só terminou alguns anos depois, por volta do ano 73 d.C. Os judeo-cristãos de Jerusalém fugiram para Pela, na Transjordânia, e para a Síria. O mesmo fizeram os judeo-cristãos da Galileia, que eram, em sua maioria, agricultores.

A Guerra Judaica deixou os agricultores em situação crítica. Ainda antes da guerra, muitos deles eram empobrecidos e até já tinham perdido seus bens por meio de impostos e de empréstimos a altas taxas de juros. Era um meio comum para empobrecer e até escravizar os agricultores, destruindo suas famílias. Há outra parábola exclusiva do Evangelho de Mateus que testemunha essa realidade cotidiana na cobrança de empréstimo, prisão ou escravidão por dívidas:

Eis por que o Reino dos céus é semelhante a um rei que resolveu acertar contas com seus servos. Ao começar o acerto, trouxeram-lhe um que devia dez mil talentos. Não tendo este com que pagar, o senhor ordenou que o vendessem, juntamente com a mulher

e com os filhos e todos os seus bens, para o pagamento da dívida (Mt 18,23-25).

Os agricultores sem terra eram mão de obra barata para os proprietários de terra e moradores ricos da cidade. Eles estavam desesperados para alimentar suas famílias nessa realidade injusta, o que transparece na angústia do trabalhador desocupado na parábola: “Porque ninguém me contratou” (20,7). No mundo patriarcal do tempo de Mateus, o homem era o responsável por sua família e sua herança (terra, casa, animais, filhos etc.).

Em geral, a sorte dos trabalhadores sem terra dependia da natureza e dos proprietários de terra. Durante o plantio e a colheita, a procura por trabalhadores era alta; porém o mesmo não acontecia no período entre safras. A vida da família dos trabalhadores rurais era marcada por muito sofrimento: desemprego, fome, doença, morte prematura etc.

Se um trabalhador sem terra fosse judeu, a situação era pior. Ele ficaria sob o jugo da lei do puro e do impuro. Sem conseguir observar a lei e honrar seu dever religioso, era taxado de “injusto” e “infeliz”. Nem sequer poderia participar na sinagoga, por não ter sua herança. Ele era considerado amaldiçoado por Deus.

A situação de um pobre judeo-cristão que professava sua fé em Jesus de Nazaré como o Messias e o Filho de Deus era ainda pior. Um dos textos exclusivos de Mateus expressa o sentimento de quem segue Jesus, perseguido e condenado como “infeliz” pelo grupo de fariseus:

Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrais descanso para vossas

“As comunidades de Mateus animam e orientam seus membros oprimidos pelos ‘jugos’, no caminho das bem-aventuranças, de forma diferente dos judeus fariseus.”



almas, pois meu jugo é suave e meu fardo é leve (Mt 11,28-30).

No sermão da montanha, Jesus disse: “Felizes os pobres em espírito; felizes os mansos, porque herdarão a terra...”. As comunidades de Mateus animam e orientam seus membros oprimidos pelos “jugos”, no caminho das bem-aventuranças, de forma diferente dos judeus fariseus.

2. Reino de Deus, Reino da justiça e da paz!

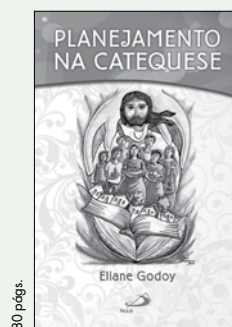
Alguns anos após a morte e ressurreição de Jesus, as comunidades começaram a se reunir em torno da vida dele, de sua prática e seus ensinamentos. Devia circular uma fonte com os ditos do Mestre, documento esse conhecido como *Fonte Q* (inicial da palavra “Quelle”, que em alemão significa fonte). No caso, essa Fonte Q refere-se a um texto escrito ou antigo evangelho, com ditos sobre Jesus, que teria sido perdido, mas teria servido como fonte de informações para Mateus e Lucas e por isso poderia ser reconstituído com base nos textos comuns apenas a estes dois evangelhos.

As bem-aventuranças do Evangelho de Mateus foram ampliadas e reescritas com base em informações do Evangelho Q e na realidade das comunidades mateanas. Vejamos algumas de suas peculiaridades:

- Em Lucas, o sermão acontece na planície (Lc 6,20-26), ao passo que em Mateus Jesus sobe à montanha, senta-se e se põe a falar e ensinar seus discípulos, os destinatários mais próximos (Mt 5,1-2). Mas a multidão permanece em segundo plano e também ouve o sermão, pois, no final da proclamação da nova lei, testemunhamos a sua reação: “Aconteceu que, ao terminar Jesus essas palavras, as multidões ficaram extasiadas com o seu ensinamento, porque as ensinava com autoridade e não como os seus escribas” (Mt 7,28-29; cf. 5,1-2). De

Planejamento na catequese

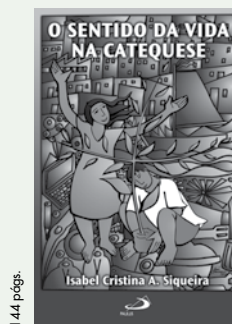
Eliane Godoy



Reflexão sobre o planejamento, objetivos e possíveis resultados. Dicas práticas para ajudar os catequistas na criação ou habilidade de planejar.

O sentido da vida na catequese

Isabel Cristina A. Siqueira



A catequese será significativa e relevante para as pessoas se as ajudar a encontrar na fé cristã o sentido maior de sua existência.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





acordo com a tradição judaica, Moisés subiu à montanha para receber a Lei (cf. Ex 24,1.12). A montanha é lugar de oração (Mt 14,23; 21,1), de ensino (Mt 5,29-31), da transfiguração de Jesus e também seu lugar de refúgio (Mt 17,1; 24,3). Jesus não sobe à montanha só; com ele estão seus discípulos e as multidões. A posição de sentar-se é a do mestre e do rei; portanto, a palavra de Jesus está revestida de autoridade. É o sagrado no meio do povo.

● Em Lucas encontramos apenas “felizes os pobres” (Lc 6,20b). Esse termo designa o indigente, alguém que perdera todos os laços familiares e sociais. Mateus acrescenta em espírito (Mt 5,3). A palavra espírito em hebraico é *ruah* e indica a totalidade da pessoa. *Pobres em espírito* indica uma situação de pobreza extrema: sem recursos econômicos e sem esperanças. Quem são os pobres em espírito? É um termo que pode indicar as pessoas simples do campo, que não conhecem a Lei ensinada na sinagoga. Entre elas encontramos agricultores empobrecidos, sem-terra, pescadores, enfermos, endemoninhados, lunáticos, paralíticos (Mt 4,23-25). Pessoas desprezadas e marginalizadas, submetidas à elite governante e que não veem perspectivas de saída. Na proclamação das bem-aventuranças, as pessoas pobres e injustiçadas são os novos sujeitos históricos. Elas são felizes porque o Reino dos Céus chegou: “os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados” (Mt 11,5).

● “Felizes os mansos, porque herdarão a terra” (Mt 5,4). Essa bem-aventurança é exclusiva de Mateus. Trata-se de uma ci-

tação do Salmo 37,11. No contexto desse salmo, o termo utilizado designa o impotente e o humilhado. Eles são exortados a confiar em Javé e não fazer justiça com as próprias mãos (Sl 37,3-6). *Eles herdarão a terra*. Em Mateus, muitas pessoas estão sem a terra. Essa promessa propõe um tempo novo, sem acúmulo de terra na mão de um pequeno grupo.

● Os aflitos serão consolados (Mt 5,5). Essa afirmação de Mateus é semelhante a Lucas: “vós que agora chorais, haveis de rir” (Lc 6,21b). A aflição e o choro são formas de externar dor, violência e opressão. Mas são também um protesto, uma forma

de condenar a dominação das elites governantes. Os aflitos são aquelas pessoas que vivem na própria pele as consequências das desigualdades sociais. A opressão, porém, terá fim: “Eles serão consolados”. A nova justiça será estabelecida.

● “Felizes os que têm fome e sede de justiça” (Mt 5,6). Essa

bem-aventurança também aparece em Lucas (Lc 6,21); porém, Mateus acrescenta “sede de justiça”. Pessoas que anseiam pela prática da nova justiça, na qual todas/os possam ter direito à terra e ao pão, bens necessários para a sobrevivência. É uma forma de devolver a esperança aos desesperados.

● As quatro primeiras bem-aventuranças nomeiam situações de injustiça econômica, social, política e religiosa e projetam a realização da justiça do Reino. O objetivo é reacender a chama da vida que está se apagando. Os v. 7-10 do capítulo 5 são exclusivos do Evangelho de Mateus. A partir do v. 7, as bem-aventuranças nomeiam ações humanas nas quais o reinado de Deus já está presente. O Reino de Deus depende da colaboração de cada pessoa.

● “Felizes os misericordiosos” (Mt 5,7a).

**“Pobres em espírito
indica uma situação
de pobreza extrema:
sem recursos
econômicos e sem
esperanças.”**



Aquele que é capaz de ter compaixão das pessoas que sofrem situações de dor e aflição. Uma atitude solidária e gratuita que ultrapassa a exigência da Lei. Ser misericordioso é ter o coração aberto para as pessoas necessitadas (Mt 6,2-4; 25,31-46); é perdoar; é amar até mesmo os inimigos (Mt 5,38-48) e aquelas/es que se encontram às margens: estrangeiros e mulheres (Mt 15,22).

- “Felizes os puros de coração” (Mt 5,8). O coração indica o ser humano em sua totalidade. *Puros de coração* são as pessoas comprometidas com a nova justiça. Essas pessoas recebem a promessa de que verão a Deus. A prática da religião não está codificada em normas e preceitos, mas no compromisso com a defesa e a promoção da vida ameaçada, com a construção de uma sociedade que cuide da vida para todas e todos.

- Os que promovem a paz serão chamados filhos de Deus (Mt 5,9). É um projeto que se opõe à *Pax Romana*, a qual exige a submissão de todos os povos dominados. Muitos acreditam que os romanos receberam das divindades a missão de impor leis e garantir a ordem para todos os povos. Uma paz baseada no poderio militar, tendo como avalista o desejo das divindades. No Reino de Deus, a paz significa condições dignas de vida para todas as pessoas (Sl 127). A paz exige acabar com a situação de opressão e exploração dos fracos e indigentes e estabelecer relações igualitárias. Os promotores da paz serão chamados filhos de Deus, pois devem assumir, em sua vida, o mesmo agir de Deus: “orai pelos que vos perseguem; desse modo, vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos céus, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e faz cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,44-45).

- “Felizes os que são perseguidos por causa da justiça” (Mt 5,10). Aquele que assume o projeto da justiça desafia a ordem estabele-

Teologia do Prazer

Ana Márcia Guilhermina de Jesus
José Lisboa Moreira de Oliveira



O prazer ainda é visto de forma muito negativa e sem tratado específico de teologia. Este livro apresenta compreensão mais positiva do tema, na perspectiva do cristianismo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





cida, por isso será perseguido. E mais. A perseguição é dirigida contra as seguidoras e os seguidores de Jesus e assume duas formas: violência física, chegando até a morte, e violência verbal, por difamação e calúnia, destruindo a honra e a dignidade da pessoa atingida. A primeira bem-aventurança tem como destinatários os pobres, e a oitava, os que são perseguidos. Ambas estão no presente, evidenciando que a realidade da comunidade e a presença do Reino dos Céus já estão no seu meio. No contexto de Mateus, os judeo-cristãos são minoria e enfrentam perseguição por parte da administração romana e do judaísmo oficial (Mt 10,16-18.21.34-36; 23,13.23.34-35). A chave para a realização do Reino é o cumprimento da nova justiça: “Com efeito, eu vos asseguro que, se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus” (Mt 5,20).

Com base na leitura das bem-aventuranças do Evangelho de Mateus, podemos enxergar a realidade dessas comunidades, formadas, em sua maioria, por judeus. São comunidades oprimidas e empobrecidas. Deus se coloca ao lado dos pobres e indigentes, que vivem em uma situação estruturalmente injusta. Por isso, a insistência na prática da justiça, da misericórdia e da construção da paz. É um texto que denuncia situações de injustiça e exige a realização da nova justiça para todas as pessoas. Esse projeto depende da aliança entre Deus e o ser humano. Quem assume a justiça do reino é perseguido.

3. As instruções sapienciais no Evangelho

As bem-aventuranças de Mateus nascem da releitura e do seguimento do já menciona-

do Evangelho Q, chamado também de “Evangelho da Galileia”, um conjunto de materiais comuns a Lucas e Mateus e ausente em Marcos. Possivelmente, é um evangelho composto durante a década de 40 d.C. na região ao redor do lago de Genesaré ou da Galileia. As pequenas cidades dessa região, como Cafarnaum, Betsaida e Corazin, são mencionadas nesse dito evangelho.¹

Cafarnaum é, sobretudo, o centro da atividade de Jesus na Galileia. Muitos acontecimentos na primeira parte dos evangelhos sinóticos desenvolvem-se em Cafarnaum e em suas redondezas, de modo que os ditos de Jesus no Evangelho Q devem ser interpretados primeiro

como resposta à dura realidade dos camponeses dessa região.

O Evangelho Q não contém referência em nenhuma parte da narrativa da paixão, morte e ressurreição. Não há muitas parábolas. Também conta apenas a narrativa da tentação de Jesus e os dois “milagres” (a cura do

filho do centurião de Cafarnaum e a cura de um endemoninhado). Essencialmente, o Evangelho Q, então, é composto de discursos ou ditos de Jesus.

Os temas predominantes desses discursos são o julgamento escatológico (sobre o “Reino de Deus” e o “Filho do homem”) e a instrução ética na vida cotidiana, bem presente na tradição sapiencial judaica. Foram as instruções sapienciais decorrentes das preocupações e angústias cotidianas dos pobres camponeses da Galileia sob o domínio do império romano, durante a década de 40 d.C.

As mesmas preocupações estão bem presentes nas comunidades de Mateus que fazem sua releitura dos ditos de Jesus como instruções de sobrevivência perante o imperialismo

¹ O texto da Fonte Q foi extraído do livro de Johan Konings, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, São Paulo, Loyola, 2005.



romano e a perseguição dos judeus fariseus, por volta do ano 85 a.C. Preocupações assim é que não faltam hoje: desemprego, pobreza, fome, doença e violência. Os ditos sapienciais de Jesus continuam exigindo uma pergunta: como e até que ponto interpretamos e assumimos as instruções de Jesus? Eis aqui algumas instruções sapienciais, nascidas da experiência cotidiana na Palestina:

a) Crítica aos fariseus e aos escribas: “Agora, vós, ó fariseus! Purificais o exterior do copo e do prato e por dentro estais cheios de rapina e de perversidade! Insensatos! Quem fez o exterior não fez também o interior? Mas aí de vós, fariseus, que pagais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortalças, mas deixais de lado a justiça e o amor de Deus. Aí de vós, legistas, porque tomastes a chave da ciência! Vós mesmos não entrastes e impedistes os que queriam entrar” (Lc 11,39-40.42.52; Mt 23,13.23.26). Para Jesus, por trás da observância obsessiva e escrupulosa da lei do puro e do impuro no “exterior” ou nas aparências, os fariseus e os legistas escondem seus interesses de alcançar prestígio, favorecimento e acumulação de riqueza. A verdadeira pureza diante de Deus se baseia em uma prática “interior”, que se exprime concretamente na caridade e na justiça. Os grupos dirigentes da religião não devem manipular, controlar e monopolizar o poder sagrado, impedindo o povo de se aproximar do amor de Deus por meio dos gestos de fraternidade, ou seja, vivendo o Reino de Deus. A vida é um dom de Deus e seu reino é de gratuidade (Lc 12,22-33; Mt 6,25-33).

b) O Reino de Deus revelado aos pobres: “Naquela mesma hora, ele exultou no Espírito Santo e disse: ‘Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as

O bispo

Carlo Maria Martini

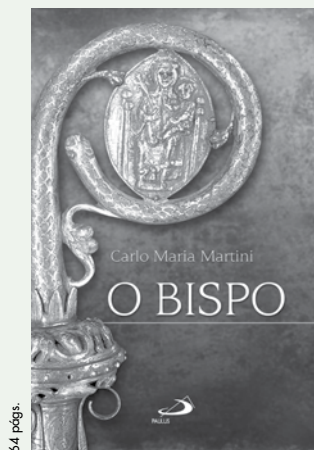


Imagem do bispo menos nebulosa e hierática, mais viva e sem falsas pretensões. Responde perguntas, polêmicas e críticas.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim houve agrado diante de ti” (Lc 10,21; Mt 11,25). O Deus da vida não se encontra na observância legalista de normas e doutrinas dos “sábios” autossuficientes, mas no seguimento dos “pequeninos” ao amor de Deus: a promoção da vida e da dignidade humana acontece por meio da misericórdia, da compaixão e da solidariedade.

c) Promover a gratuidade e a generosidade: “E se emprestardes aos de quem esperais receber, qual [é] vossa graça? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para que recebam de volta o igual. Todavia, amai os vossos inimigos, fazei o bem e prestai ajuda sem esperar nada em troca, e vosso salário será muito, e sereis filhos de Altíssimo. Porque ele é bondoso também para com os ingratos e maus” (Lc 6,34-35; Mt 5,42.45-47). Jesus prega o relacionamento humano de gratuidade e de generosidade, que gera a vida. A misericórdia dos seres humanos, semelhante à misericórdia de Deus, busca instituir relações de partilha e solidariedade, que diminuem as desigualdades e derrubam os relacionamentos de interesse, geradores do poder e do prestígio, criadores de dependências e, ao mesmo tempo, legitimadores das injustiças sociais.

d) Promover o perdão: “Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; absolvei, e sereis absolvidos. Dai e vos será dado: uma medida boa, calcada, sacudida, transbordante, dará no vosso regaço, pois com a medida com que medirdes, medir-se-á para vós’. Ele disse-lhes também uma parábola: ‘Pode um cego guiar um cego? Não cairão ambos num buraco?’” (Lc 6,37-39; Mt 7,1-

2; 15,14). Os fariseus se posicionam como juizes do próximo e condenam sem compaixão e misericórdia. O farisaísmo, assim, gera atritos, divisões e exclusões nas comunidades. Diante da miséria, da fome, da fraqueza humana, os seguidores de Jesus devem expressar a misericórdia em acolhida e perdão. Quem condena o próximo condena o amor de Deus e a si mesmo (Lc 12,57-59; Mt 5,25-26; Lc 17,3b-4; Mt 18,15.21-22).

e) “Um doutor da Lei lhe disse: ‘Eu te seguirei aonde fores’. E Jesus lhe disse: ‘As raposas têm tocas e os pássaros do céu, ninhos; mas o Filho do homem não tem

onde repousar a cabeça’. Outro lhe disse: ‘Senhor, permite que eu vá primeiro sepultar meu pai’. Jesus lhe disse: ‘Siga-me, e deixe que os mortos sepultem seus mortos’. Um outro também lhe disse: ‘Eu te seguirei, Senhor, permite-me, porém, primeiro despedir-me dos de minha casa’. Jesus, porém, lhe respondeu: ‘Quem põe a mão

no arado e olha para trás não está apto para o Reino de Deus” (Lc 9,57-62; Mt 8,19-22). Diante da realidade sofrida do povo, sua pobreza e insegurança, é preciso urgentemente anunciar o Reino de Deus, reino do amor e da fraternidade. Exige-se um seguimento incondicional dos discípulos de Jesus: “Quem não carrega sua cruz e vem atrás de mim, não pode ser meu discípulo” (Lc 14,27; Mt 10,38); “Nenhum doméstico pode ser servo de dois senhores, porque ou odiará um e amará o outro ou se apegará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro” (Lc 16,13; Mt 6,24).

f) O grão de mostarda: “Dizia, pois: ‘A que é semelhante o Reino de Deus, e a que o compararei? É semelhante a um grão de mostarda que um homem lançou em sua

**“A verdadeira pureza
diante de Deus se
baseia em uma
prática ‘interior’,
que se exprime
concretamente na
caridade e na justiça.”**



horta. Ele aumentou e tornou-se uma árvore, e os pássaros do céu fizeram ninhos nos seus ramos. E novamente disse: 'A que compararei o Reino de Deus? É semelhante ao fermento que uma mulher misturou em três porções de farinha, até tudo ficar fermentado (Lc 13,18-21; cf. Mt 13,31-33). As imagens de uma semente de mostarda e do fermento na massa traduzem algo pequeno e insignificante que tem força transformadora. Assim, a presença do Reino de Deus não deve ser um poder ostensivo, glorioso e excludente, mas se faz de modo inexpressível e oculto entre os pequenos e humildes. Os seguidores de Jesus, como um grão de mostarda, devem ter a força de transformar a sociedade num mundo de acolhida para os empobrecidos e excluídos – esperança e paciência histórica!

Os ditos sapienciais do Evangelho Q teriam surgido da realidade sofrida do povo das margens do mar da Galileia: a constante ameaça da fome e do desabrigo. Apresentam as possíveis orientações para construir o Reino de Deus, o qual promete a felicidade da vida cotidiana: “Felizes os pobres, porque vosso é o Reino de Deus! Felizes os famintos agora, porque sereis saciados! Felizes os que chorais agora, porque rireis!” (Lc 6,20-21; Mt 5,3-4).

No Evangelho Q, os pobres têm direito a tudo o que é necessário para uma vida humana digna (alimentação, saúde, bem-estar etc.), mas também o dever de empenhar-se na conquista desses bens: “Todavia, procurai o seu Reino, e isso vos será acrescentado” (Lc 12,31; Mt 6,33); “E na cidade em que entrardes e vos receberem, comei do que vos apresentarem, e curai os doentes nela e dizei-lhes: ‘Chegou perto de vós o Reino de Deus’” (Lc 10,8-9; Mt 10,7-8).

Porém não basta somente ouvir os ditos de Jesus, é preciso pô-los em prática: “Todo o que vem a mim e ouve as minhas palavras e as pratica, demonstrar-vos-ei a quem é semelhante: é semelhante a um homem construindo uma

Histórias que o rádio não contou

**Do galena ao digital,
desvendando a radiodifusão
no Brasil e no mundo**

Reynaldo C. Tavares



Invade os bastidores das principais emissoras do Brasil e revela o que se passava por detrás de seus microfones.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





casa, que cavou e aprofundou e colocou o alicerce sobre a rocha. Vindo a enchente, o rio lançou-se contra aquela casa, não a conseguiu abalar, por ela estar bem construída” (Lc 6,46-48; Mt 7,24-25), diz assim o Evangelho Q. Ao reclamar e procurar seus direitos, os pobres semeiam o grão de mostarda ou o fermento na massa, para a transformação de uma sociedade injusta e desumana: “Sim, Pai, porque assim houve agrado diante de ti”.

4. Uma palavra final

Até os nossos dias persiste, imposta pela sociedade desumana, a realidade das pessoas injustiçadas, empobrecidas e escravizadas. Como transformar a realidade dessas pessoas? Jesus e as comunidades cristãs responderam, vivenciando uma inversão de atitudes: elas devem ser libertas, acolhidas e abençoadas pelo Deus da vida mediante a prática comunitária da misericórdia, da justiça e da solidariedade. Uma das propostas concretas para os nossos dias se verifica no depoimento de Josenilda Santos Silva, que já foi traficada e atualmente, recuperada, trabalha na ONG “Sodireitos”, movimento contra o tráfico de pessoas, em Belém do Pará:

É muito importante que a comunidade entenda que uma pessoa que foi trafi-

cada, que passou pelo trabalho escravo, já sofreu bastante e não precisa de mais um julgamento; ela não precisa de mais um dedo apontado; ela não precisa de mais alguém dizendo: “Aí você sabia o que você ia fazer, por que você foi?” Ela precisa de alguém que acolha e, infelizmente, não são todas as pessoas que acolhem, mas uma pessoa que dê um abraço humilde e que diga: “Não, eu não estou aqui para julgar. Eu estou aqui para ser seu amigo, eu estou aqui para lhe dar a mão”. É disso que a gente precisa (*Tráfico de pessoas*, São Paulo, Verbo Filmes, 2014).

Em outras palavras, devemos participar dos movimentos de acolhimento e solidariedade entre as pessoas no dia a dia; conscientizar e promover a dignidade humana; defender a vida e a natureza. Nessa prática, a pessoa se sente feliz e faz as outras felizes. Josenilda termina seu depoimento com esta reflexão:

Não o julgamento, mas o acolhimento. É o que nós encontramos na “Sodireitos”; é o que nós temos umas com as outras e é isso que nos fortalece e muito. Isso nos “empodera” muito. Isso nos deixa cada vez mais felizes e cada vez mais fortes no enfrentamento do tráfico, e é isso que a gente quer encontrar na comunidade. ●

LITURGIA DIÁRIA

O periódico LITURGIA DIÁRIA facilita o contato com a Palavra de Deus na liturgia e na leitura pessoal; favorece uma melhor assimilação e compreensão da liturgia da missa.

As edições são mensais e trazem as leituras e orações da missa de cada dia, comentários, preces, pequenas biografias dos santos das memórias a serem celebradas, partes fixas da missa, orações eucarísticas e roteiros de outras celebrações.

Para fazer assinatura entre em contato com o setor de assinaturas da Paulus:

Tel.: (11) 3789-4000 ● 0800-164011

E-mail: assinaturas@paulus.com.br



“Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18,20)

Shigeyuki Nakanose, svd*

Após o ano 70 d.C., a intensificação da perseguição dos judeus fariseus e do império romano mergulhou as comunidades dos judeo-cristãos em crise profunda. Uma dessas comunidades foi a de Mateus. O evangelho de mesmo nome surgiu nessa época para orientar a catequese e a vida comunitária a fim de fortalecer a comunidade na fé e na resistência.

Nasci na ilha de Kaminoshima, em Nagasaki, Japão. É um dos povoados onde surgiu a organização dos *kakure kirishitans* (“cristãos escondidos”), ou seja, os membros da Igreja Católica Apostólica Romana que estiveram na clandestinidade durante a pesada perseguição de 300 anos.

Com a chegada dos padres portugueses, as atividades missionárias católicas se iniciaram no Japão em 1449. Por volta de 1585, o número dos católicos chegou a 200 mil. Mas o crescimento foi bruscamente interrompido, devido à mudança da política dos governantes japoneses diante da intromissão estrangeira. Iniciou-se a perseguição:

Em 1587, o regente Hideyoshi, revertendo a política de seu predecessor, iniciara pavorosa perseguição ao cristianismo. Ela começou quando vinte e seis padres e fiéis foram punidos em Nishizaka, na região de Nagasaki. Em segui-

*Religioso verbita, padre, assessor do Centro Bíblico Verbo, leciona no Itesp, em São Paulo, na Faculdade Católica de São José dos Campos, e em Taubaté.
E-mail: cbiblicoverbo@uol.com.br



da, cristãos de todo o país foram expulsos de suas moradias, torturados e cruelmente mortos. O xógum Ieyasu deu prosseguimento a essa política, ordenando, em 1614, a expulsão de todos os missionários que estivessem em território japônês (ENDO, 2011, p. 27-28).

Entre 1614 e 1640, cerca de 6 mil cristãos foram martirizados. A história registra muita crueldade na execução de cristãos – por exemplo, a tortura em lavas do vulcão Unzen. Apesar de dura e violenta perseguição, os cristãos escondidos, ou *kakure kirishitans*, conservaram a fé até 1873, quando o Japão voltou a abrir-se para a atividade religiosa.

Durante a perseguição, os cristãos se registravam, oficialmente, nos respectivos templos do budismo ou do xintoísmo. Cumpriam a ordem de pisar na imagem sagrada de Jesus ou de Maria para se declararem “não cristãos”. Mas, por meio da organização secreta, com a liderança dos anciãos, os *kakure kirishitans* ministravam o batismo, a eucaristia, o matrimônio etc. e ensinavam o catecismo, transmitindo a fé. Sua organização e liturgia foram adaptadas à tradição e cultura japonesa. Também foram estabelecidas várias normas internas baseadas na tolerância, solidariedade e misericórdia, para fortalecer a unidade e garantir a sobrevivência do grupo. É um modelo de comunidade cristã em situação de risco numa tradição e cultura específica: *kakure kirishitans*.

O Novo Testamento também registra vários modelos de comunidades cristãs. Uma das comunidades que teriam fortalecido sua organização devido aos conflitos externos e internos foi a “Igreja” de Mateus (Mt 18,17). Após o ano 70 d.C., a intensi-

ficação da perseguição dos judeus fariseus com o império romano mergulhou as comunidades dos judeo-cristãos em crise profunda. Surgiu então o Evangelho de Mateus, que orientaria a catequese e a vida comunitária. De modo especial, Mateus 18,15-22 aborda ensinamentos para a vida em comunidade.

1. Conflitos nas comunidades de Mateus

Algum tempo depois da destruição do templo de Jerusalém, os grupos de fariseus ligados ao judaísmo oficial iniciaram uma perseguição sistemática contra os dissidentes do judaísmo, chegando a expulsá-los das sinagogas. Nesse período, uma bênção contra eles, considerados hereges, foi incorporada às 18 bênçãos que os judeus deviam rezar diariamente:

Para os apóstatas, que não haja esperança. O domínio da arrogância elimina rapidamente em nossos dias. E deixa os nazareus e os minim perecer em um momento. Deixa-os ser apagados do livro da vida. E que não sejam escritos junto com os justos (OVERMAN, 1997, p. 59).

A perseguição do grupo de fariseus atinge os judeo-cristãos que reconhecem e confessam Jesus de Nazaré como o Messias. Para eles, Jesus é o novo Moisés e o verdadeiro intérprete da Torá:

Com efeito, eu vos asseguro que, se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus. Ouvistes o que foi dito aos antigos: “Não matarás”; aquele que

“Os fariseus ostentavam práticas ritualistas destinadas somente a aumentar seu prestígio como pessoas religiosas.”



matar terá de responder no tribunal. Eu, porém, vos digo: todo aquele que se encolerizar contra seu irmão terá de responder no tribunal; aquele que chama ao seu irmão “Cretino!” estará sujeito ao julgamento do Sinédrio; aquele que lhe chamar “renegado” terá de responder na geena de fogo (Mt 5,20-22).

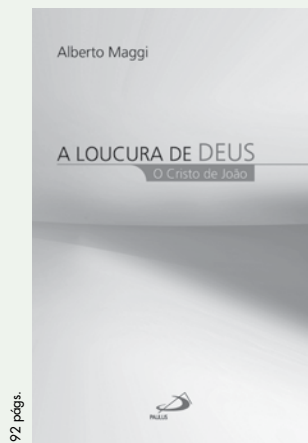
A insistência que se encontra aqui é para cortar o mal pela raiz. Mais do que norma, a proposta de Jesus, segundo o Evangelho de Mateus, é fazer da vida contínuo ato de discernimento da situação em favor dos “pequeninos”. As comunidades de Mateus insistem: Jesus veio *cumprir toda a justiça* (3,15) e *não veio revogar a Lei* (5,17). A justiça e a Lei somente são sagradas quando vividas na misericórdia e gerarem a vida em fraternidade.

Nessa perspectiva, escribas e fariseus são acusados de transformar a Lei em mandamentos humanos a serviço dos grupos dirigentes: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, da erva-doce e do cominho, mas omitis as coisas mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade” (23,23). Com as inúmeras observâncias e costumes, escribas e fariseus, como autoridades do povo judeu, transformavam a Lei em observância mecânica para a promoção pessoal. Ostentavam práticas ritualistas destinadas somente a aumentar seu prestígio como pessoas religiosas. Gostavam de dar esmolas aos pobres em público e vangloriavam-se de suas obras assistenciais e de sua religiosidade.

Após a destruição do templo e o desaparecimento de vários grupos judaicos, como saduceus, essênios, zelotas e sicários, o grupo dos fariseus, ou judeus fariseus, assume a liderança do povo, impõe sua forma de interpretar a Lei, determina

A loucura de Deus O Cristo de João

Alberto Maggi



Convite a desfazer qualquer imagem ou concepção de Deus que não encontrem eco na figura de Jesus, na sua vida e no seu ensinamento.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





quem é puro ou impuro e persegue os dissidentes. Espalha conflitos e sofrimentos que provocam diferentes reações nas pessoas perseguidas. Eis um dos textos exclusivos de Mateus que expressam tal reação aos judeus fariseus:

Condutores cegos, que coais o moquito e engolis o camelo! Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Sois semelhantes a sepulcros caiados, que por fora parecem belos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda podridão. Assim também vós: por fora pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade (Mt 23,24.27-28).

O tom agressivo desse texto testemunha a gravidade do conflito entre os judeo-cristãos e os judeus fariseus. O conflito de irmãos pela interpretação e observância da Lei e da tradição do judaísmo! Sem dúvida, esse conflito obriga os judeo-cristãos a tomar posição cada vez mais forte contra os judeus fariseus, organizar e fortalecer a comunidade ou “Igreja”. É o processo de institucionalização (Mt 16,13-20)! Em comparação com o grupo dos fariseus e sua organização, como a Academia ou o Sinédrio de Jâmnia, reconhecido pelo império romano, dono do poder, as comunidades cristãs eram apenas pequena minoria no mundo greco-romano. A ordem é fortalecer sua identidade e unidade, organizar e reorganizar a Igreja.

O conflito com os judeus fariseus não é a única causa para a necessidade urgente da organização e do fortalecimento de uma comunidade de relações sustentadoras. Em busca da sua identidade no

judaísmo, os judeo-cristãos enfrentam também conflitos internos. Há vários modos de interpretar a mensagem e a prática de Jesus de Nazaré. São divergências que provocam até escândalos nas comunidades. Eis um texto que confirma essa realidade:

E aquele que recebe uma criança como esta por causa do meu nome, recebe a mim. Caso alguém escandalize um destes pequeninos que creem em mim, melhor seria que lhe pendurassem ao pescoço uma pesada mó e fosse precipitado nas profundezas do mar. Ai do mundo por causa dos escândalos! É necessário que haja escândalos, mas ai do homem pelo qual o escândalo vem! (Mt 18,5-7).

“Uma das principais causas dos conflitos internos é a tentação de imitar a sociedade greco-romana vigente, onde há competição, busca de acúmulo, prestígio e poder.”

Uma das principais causas dos conflitos internos é a tentação de imitar a sociedade greco-romana vigente, onde há competição, busca de acúmulo, prestígio e poder (Mt 4,1-11; 20,20-28).

Isso está expresso na pergunta dos discípulos: “Quem é o maior no Reino dos Céus?” (Mt 18,1). Jesus responde com uma parábola, aproveitando a presença de uma criança – na época, símbolo vivo dos fracos, dos humildes e dos esmagados pela sociedade. Na comunidade cristã, ao contrário da mentalidade greco-romana, o maior é aquele que serve.

A outra causa é a entrada, nas comunidades cristãs, de pessoas não judias, ou estrangeiras, consideradas “gentias”, com suas tradições e costumes diferentes. A imposição da circuncisão aos gentios, por exemplo, gera conflito até entre Pedro, judeo-cristão, e Paulo, judeo-cristão helenista (com a influência da cultura grega), na comunidade de Antioquia. No início



do nascimento do cristianismo, temos o seguinte registro:

Mas quando Cefas (Pedro) veio a Antioquia, eu o enfrentei abertamente, porque ele se tornara digno de censura. Com efeito, antes de chegarem alguns vindos da parte de Tiago, ele comia com os gentios, mas, quando chegaram, ele se subtraía e andava retraído, com medo dos circuncisos. Os outros judeus começaram também a fingir junto com ele, a tal ponto que até Barnabé se deixou levar pela sua hipocrisia (Gl 2,11-13).

Essa polêmica continua presente nas comunidades de Mateus, nas quais a maioria dos membros é de judeus, mas também há a presença de gentios. A resistência dos judeo-cristãos contra a abertura aos gentios persiste e provoca problemas de relacionamento. O Evangelho de Mateus lembra a abertura de Jesus para os gentios e para os pecadores: “Deus faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons, e cair a chuva sobre justos e injustos” (5,45; cf. 9,10-13).

Como as comunidades de Mateus seguem Jesus em circunstâncias diferentes? De que forma enfrentam conflitos externos e internos para manter a identidade e a unidade das comunidades? O discurso de Mt 18,1-35 trata da vivência comunitária. Em especial, os versículos 15-22 estabelecem a atitude fundamental na vida comunitária: a correção fraterna, o perdão das ofensas e a oração em comum.

2. A correção fraterna e o perdão

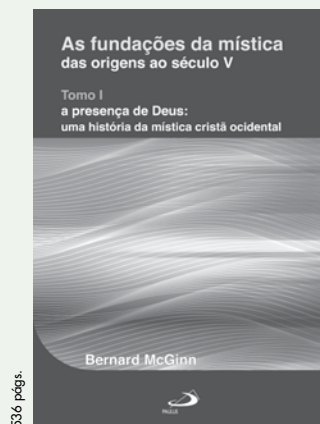
Em nossa vida e em nossas comunidades, quase sempre enfrentamos a dificuldade de perdoar e aceitar os próprios limites, como também os das pessoas

As fundações da mística Das origens ao século V

Tomo I

A presença de Deus: uma história da mística cristã ocidental

Bernard McGinn



536 págs.

Conhecimento mais completo e crítico da história da mística cristã. Avaliações teológicas contemporâneas mais completas e críticas do fenômeno.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



com as quais convivemos. Perdoar é resgatar a relação com o outro quando o vínculo foi quebrado por alguma ofensa. É um processo difícil, que exige amor, desprendimento e liberdade interior. As comunidades de Mateus apresentam algumas orientações sobre a maneira de se relacionar com os membros que estão se desviando. Vejamos os passos indicados:

a) “Se o teu irmão pecar, vai corrigi-lo a sós. Se ele te ouvir, ganhaste teu irmão” (Mt 18,15). Na comunidade, o vínculo que une os membros entre si é fazer a vontade do Pai: “aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mt 12,50). Além do termo irmão, o Evangelho de Mateus, de maneira carinhosa, chama os membros da comunidade de “criança” e “pequenininho”. O cuidado recíproco é fundamental. É preciso ir ao encontro da pessoa que está se desviando e não ficar esperando de braços cruzados. Quando se trata de restabelecer as relações, não importa se o outro errou, o que importa é a atitude de acolhida e misericórdia. É sair e ir ao encontro da pessoa que errou, para ajudá-la a retomar o caminho. A atitude de corrigir o irmão em particular demonstra respeito e compreensão. Ninguém gosta de ver seus defeitos apontados na frente de outras pessoas. Na conversa pessoal, há grande possibilidade de a pessoa que fez a ofensa ouvir. Nesse sentido, ouvir implica a percepção do próprio limite e o arrependimento. A expressão ganhar o irmão pode ter o sentido

“A autoridade é atribuída à comunidade ou igreja, a assembléia das pessoas seguidoras de Jesus como Messias.”

de trazê-lo de volta para o grupo. Diante da realidade nascente das primeiras comunidades cristãs e da descrença, muitos membros estavam abandonando o seguimento de Jesus. Portanto, o objetivo é que a pessoa reafirme a sua caminhada e o seu compromisso na comunidade.

b) Conversar com o irmão na presença de testemunhas: se a primeira tentativa de ir ao encontro do irmão for em vão, a pessoa ofendida não deve desistir. Porém, na segunda vez, a recomendação é ir ao encontro dele com a presença de duas ou três testemunhas. Este é um princípio legal que consta na Lei judaica: “Uma única testemunha não é suficiente contra alguém, em qualquer caso de iniquidade ou de pecado que houver cometido. A causa será estabelecida pelo depoimento pessoal de duas ou três testemunhas”

(Dt 19,15; 17,6-7).

c) “Caso não lhe der ouvido, dize-o à Igreja” (Mt 18,17). As possibilidades de conversão não se esgotam. É mais uma tentativa de reconciliação sem aplicar medidas punitivas. E se a pessoa ainda persistir no erro, deverá ser considerada como “gentia” ou “publicana”.

Quem eram os gentios e os publicanos? No Evangelho de Mateus, vemos Jesus ao lado desses dois grupos: por exemplo, ele chama um cobrador de impostos para segui-lo (Mt 9,9), come com publicanos e pecadores. E ao ser questionado sobre o seu comportamento, Jesus responde: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, e sim os doentes. Ide, pois, e aprendei o que significa: ‘Misericórdia é o que eu quero, e não o sacri-



fício'. Com efeito, eu não vim chamar os justos, mas pecadores" (Mt 9,10.12-13). Proclama que ele é o servo para todas as nações: "Porei o meu espírito sobre ele e ele anunciará o direito às nações" (Mt 12,18). Tratar o pecador como gentio ou publicano é continuar insistindo para que volte a fazer parte do grupo. A missão de Jesus e da comunidade cristã é voltada para gentios e publicanos.

Ao terminar de apresentar a maneira de agir com o pecador, o texto apresenta duas sentenças introduzidas pela expressão "em verdade", o que indica o grau de importância do que será dito. A primeira afirma que a ação da comunidade é confirmada por Deus, e a segunda garante a presença do Ressuscitado na comunidade: "Em verdade, vos digo: tudo quanto ligardes na terra será ligado no céu e tudo quanto desligardes na terra será desligado no céu" (Mt 18,18). A autoridade é atribuída à comunidade ou ecclesia, a assembleia das pessoas seguidoras de Jesus como Messias. Em Mt 16,19, há uma afirmação semelhante referindo-se a Pedro. Esses versículos dão a máxima autoridade a Pedro e à comunidade. Diante da insegurança e da instabilidade vivenciadas pelas comunidades nos conflitos com a sinagoga e com o império romano, o Evangelho de Mateus reforça que o poder da comunidade e de seus líderes ultrapassa os poderes existentes.

A autoridade da comunidade vem de Deus e o lugar de sua ação é a comunidade reunida: "Em verdade vos digo ainda: se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, isso lhes será concedido por meu Pai que está nos céus. Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estou no meio deles" (Mt 18,19-20). A comunidade é o lugar da presença de Jesus. É a prática da oração comum que os

Psicologia histórica do Novo Testamento

Klaus Berger



392 págs.

Etapas das quais a Psicologia Bíblica se serve, para compreender como a realidade do ser humano se apresenta no horizonte da revelação.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





une e transmite a certeza de que o Pai atende às suas necessidades.

Qual o limite para perdoar o irmão? Pedro, que sempre aparece como porta-voz da comunidade, pergunta a Jesus: “Senhor, quantas vezes devo perdoar ao irmão que pecar contra mim? Até sete vezes?” Jesus respondeu-lhe: “Não te digo até sete, mas até setenta e sete vezes!” (Mt 18,21-22). Não há limites para perdoar o irmão. O esforço para perdoar deve ser constante. O número sete pode indicar plenitude ou totalidade. Portanto, mesmo que as ofensas sejam numerosas, o perdão deve ser maior ainda. A solidariedade, a misericórdia, a inclusão e o compromisso com a reconciliação são exigências para as comunidades cristãs de todos os tempos.

3. Diferentes modelos de comunidades cristãs

Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do Hades nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus (Mt 16,18-19).

Nesse texto exclusivo desse evangelho, a figura de Pedro ganha supremacia à frente das comunidades de Mateus, oriundas do judaísmo, que estavam em oposição aos judeus fariseus por volta do ano 85 d.C. O conflito severo e até arrasador talvez tenha induzido as comunidades de Mateus a fortalecer sua unidade e organização: Pedro, com autoridade, tem em suas mãos as chaves do Reino de Deus.

Ele é apresentado como chefe supremo para ligar e desligar do Reino, ou seja, admitir e excluir das comunidades. No processo de institucionalização das comunidades cristãs, aconteceu o fortalecimento da autoridade.

Há outros sinais de fortalecimento da organização das comunidades de Mateus. Por exemplo, entre os evangelhos, somente Mateus utiliza o termo *ecclesia* (termo que, no grego, significa assembleia e depois será traduzido como Igreja: Mt 16,18; 18,17), com certo grau de organização: poder de julgar, perdoar e condenar (Mt 16,19), direito de excluir ou excomungar (Mt 18,17-20), de se reunir para celebrar a ceia do Senhor (Mt 26,26-29), de batizar (Mt 28,19) etc. Um modelo mais estruturado de Igreja!

Ao ler o Novo Testamento ou Segundo Testamento, é evidente que encontramos diversidade de realidades, preocupações e modelos de comunidades cristãs. Eis aqui alguns exemplos:

a) *Diversidade e unidade na comunidade cristã de Corinto:*

Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos (1Cor 12,4-7).

A comunidade cristã de Corinto é formada por pobres e ricos, provenientes de diferentes etnias e culturas. Uma comunidade que enfrenta divisões e rixas internas nos anos 50 d.C.: “Eu sou de Paulo!”, ou ‘Eu sou de Apolo!’, ou ‘Eu sou

“O conflito severo e até arrasador talvez tenha induzido as comunidades de Mateus a fortalecer sua unidade e organização.”



de Cefas', ou 'Eu sou de Cristo!'" (1Cor 1,12; cf. 1Cor 11,17-34). Enfrenta o escândalo, a ostentação e a injustiça: "A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade" (1Cor 13,4-6; cf. 1Cor 5,1-13; 6,1-11).

Diante dessa realidade, Paulo afirma que a Igreja toda é vista como um só corpo de Cristo, onde o poder do Espírito de Cristo atua nos seus membros (1Cor 12,12-30). Qualquer dom ou trabalho de cada membro não é mérito individual ou recompensa, mas gratuidade de Deus. Deve servir ao bem comum da Igreja para vivenciar e testemunhar as palavras e práticas de Jesus Cristo: "Anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens" (1Cor 1,23-25).

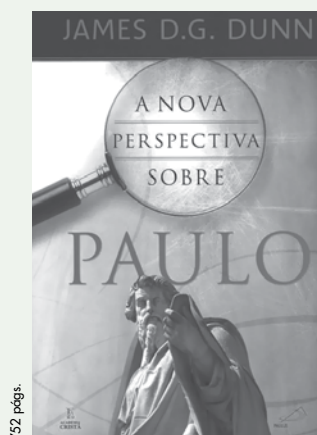
b) A comunidade joanina:

Este é meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos. Vós sois meus amigos, se praticais o que vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que seu senhor faz; mas vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer (Jo 15,12-15).

A comunidade joanina, por ser aberta aos samaritanos (Jo 4; 8,48), por acolher gregos e gentios (Jo 7,35; 11,53;

A nova perspectiva sobre Paulo

James D. G. Dunn



Consiste no mais sério desafio à interpretação tradicional dos escritos paulinos, desde os tempos de Lutero e Calvino.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





12,20), por atribuir papéis de liderança às mulheres (Jo 4,11.27), por aceitar a proposta de Jesus e vivê-la de forma mais profunda e radical depois de ter sido expulsa do judaísmo (Jo 9,22; 12,42; 16,2), viveu uma situação de constante conflito externo e interno. Enfrentou forte perseguição dos judeus fariseus e do império romano, por volta do ano 95 d.C.: “Expulsar-vos-ão das sinagogas. Mais ainda: virá a hora em que aquele que vos matar julgará realizar ato de culto a Deus” (Jo 16,2; cf. Jo 9). Além disso, a diversidade de grupos existentes na comunidade, como ex-fariseus (Jo 3), samaritanos (Jo 4), gregos (Jo 7,35), entre outros, provocou discussões e atritos dentro da própria comunidade, mas também com outras que não viviam de forma tão radical o seguimento de Jesus: “Todo aquele que odeia seu irmão é homicida” (1Jo 3,15); “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso” (1Jo 4,20).

Esses conflitos fizeram a comunidade buscar fortalecer, ainda mais, o laço de amor e solidariedade entre as pessoas: “Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com ações e em verdade” (1Jo 3,18). A comunidade joanina permaneceu fiel às palavras e práticas de Jesus, porque acreditou nele como a ressurreição e a vida acontecendo no tempo presente (Jo 11; 20), e, enfim, experimentou que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14; cf. 1Jo 1,1-4).

c) As comunidades na primeira carta de Pedro:

Chegai-vos a ele, a pedra viva, rejeitada, é verdade, pelos homens, mas diante de Deus eleita e preciosa. Do

mesmo modo, também vós, como pedras vivas, constituí-vos em edifício espiritual, dedikai-vos a um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo (1Pd 2,4-5).

Nas comunidades cristãs de várias regiões da Ásia Menor, que receberam a primeira carta de Pedro por volta do ano 90 d.C., havia estrangeiros residentes, forasteiros, escravos, mulheres de maridos não cristãos etc. A maior parte das pessoas não tinha cidadania plena. Não podiam ter terra, receber ou transferir herança, não tinham direito de votar, nem mesmo podiam casar com cidadãos. Eram desprezadas e rejeitadas pela sociedade e viviam na insegurança. Por isso, a primeira carta de Pedro orienta: “Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor” (1Pd 2,13). A submissão à auto-

ridade era uma questão de sobrevivência. Não era uma submissão ingênua, mas consciente, com o objetivo de evangelizar por meio da prática do bem e do amor em meio às situações de opressão e insegurança (1Pd 2,13-3,17).

Para a vivência interna da comunidade, a primeira carta de Pedro também relembra que esse grupo de excluídos foi eleito por Deus para formar um “sacerdócio santo”. Agora, o sacrifício será a oferta da própria vida, que se concretiza no culto, no serviço, na doação, no amor recíproco, na entrega cotidiana. Nessa nova prática, cada pessoa é chamada a assumir o sacerdócio. O trabalho e o poder são partilhados. Com a honra e o respeito de serem eleitos e abençoados por Deus, os excluídos se comprometem na organização da comunidade e

“Os conflitos fizeram a comunidade buscar fortalecer, ainda mais, o laço de amor e solidariedade entre as pessoas.”



na construção de nova sociedade de fraternidade: “Finalmente, sede todos unânimes, compassivos, cheios de amor fraterno, misericordiosos e humildes de espírito. Não pagueis mal por mal, nem injúria por injúria; ao contrário, bendizei, porque para isso fostes chamados, isto é, para serdes herdeiros da bênção” (1Pd 3,8-9).

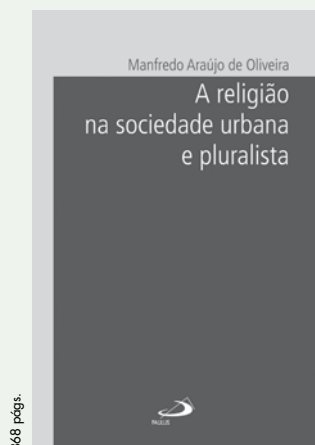
4. Uma palavra final

Todas essas passagens do Novo Testamento mostram claramente que as comunidades cristãs ou igrejas locais têm seus problemas e suas próprias organizações, devido às suas realidades diferentes. As comunidades cristãs são os meios pelos quais as palavras, as práticas e a vida de Jesus de Nazaré são experimentadas e transmitidas. Em princípio, as comunidades devem ser um dos espaços onde seus membros experimentam a presença viva de Jesus Cristo no seu seio: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2,20).

Em 8 de dezembro de 1881, com a presença de um sacerdote francês, primeiro pároco, a igreja foi erguida na ilha de Kaminoshima. Até hoje, às 5 da manhã, o sino da igreja continua tocando, meia hora antes do início da missa. Agora, a celebração dos sacramentos já não está na mão dos leigos, como no tempo dos *kakure kirishitans*. Porém os leigos, sobretudo os anciãos, são muito ativos na organização da Igreja. Junto com os fiéis das outras religiões, eles animam e orientam a vida no dia a dia da ilha, especialmente por meio da solidariedade alimentada e fortalecida na longa histó-

A religião na sociedade urbana e pluralista

Manfredo Araújo de Oliveira



Análise do fenômeno religioso como elemento imprescindível para a compreensão adequada da modernidade tardia.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





ria. O cristianismo fincou raízes no Japão. Continua fincando, pregando e experi-

mentando o mistério do Deus da vida: “Ele está no meio de nós”.

Referências

- CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB). *Que nossos olhos se abram: uma leitura de Mateus em perspectiva do tesouro*. Brasília: CRB, 2011.
- CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- DA SILVA, A. J. Paideia grega e apocalíptica judaica. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 113, p. 11-22, 2012.
- DE PAULA PEDRO, Enilda; NAKANOSE, Shigeyuki. *Ele está no meio de nós: o semeador do reino*. São Paulo: Paulus (CNBB), 1998.
- ENDO, Shusaku. *O silêncio*. São Paulo: Planeta Literário, 2011.
- HAGNER, Donald A. Matthew 1-13. *Word Biblical Commentary*. Dallas, Texas: Word Books, 1993. v. 33a.
- _____. Matthew 14-28. *Word Biblical Commentary*. Dallas, Texas: Word Books, 1995. v. 33b.
- KONINGS, Johan. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. São Paulo: Loyola, 2005.
- OGAWA, Akira. *O Evangelho de Mateus*. Tóquio: Christian Church, 1996.
- OVERMAN, J. Andrew. *O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*. São Paulo: Loyola, 1997.
- PAGOLA, José Antonio. *Pai-nosso: orar com o Espírito de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SALDARINI, Anthony J. *A comunidade judaico-cristã de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- SIN, David C. *The Gospel of Matthew and Christian Judaism: the history and social setting of the Matthean community*. Edimburgo: T&T Clark, 1998.
- VAAGE, Leif. O cristianismo galileu e o Evangelho radical de Q. *Ribla*, Petrópolis, n. 22, p. 84-108, 1995.

Roteiros homiléticos

Também na internet:
vidapastoral.com.br

*Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje – BH), onde também cursou mestrado e doutorado em Teologia Bíblica e lecionou por alguns anos. Atualmente, leciona na Faculdade Católica de Fortaleza. É autora do livro *Eis que faço novas todas as coisas – teologia apocalíptica* (Paulinas). E-mail: aylanj@gmail.com



Aíla Luzia Pinheiro Andrade, nj*

23º Domingo COMUM

7 de setembro

Não fecheis o coração

I. Introdução geral

Iniciamos o mês da Bíblia com o tema da correção fraterna. Em todas as leituras de hoje, a palavra de Deus vem insistir que somos responsáveis uns pelos outros e devemos ser um suporte para os fracos, indecisos, tíbios, apáticos na fé e no seguimento de Jesus.

Pouquíssimas pessoas têm coragem de advertir alguém que está errado. É mais fácil condenar, humilhar, fofocar ou ser indiferente. Mas a Bíblia afirma e reafirma a responsabilidade de uns para com os outros. Deus nos pedirá contas da vida de nossos irmãos e irmãs. Por isso, hoje, quando ouvirmos a sua voz, não endureçamos nosso coração.



II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 18,15-20): Se ele te ouvir, terás ganho teu irmão

O texto do evangelho de hoje situa-se no contexto do “sermão sobre a comunidade”, cujos textos são direcionados especificamente para orientar a vida na Igreja. E um tema muito precioso para o Evangelho de Mateus é a correção fraterna, essencial para o crescimento pessoal do cristão na comunidade.

O evangelho nos orienta no delicado passo da correção fraterna. Primeiramente devemos tomar consciência de que o ato de corrigir o irmão é nossa responsabilidade. O texto é claro: “Vai!” É um imperativo que nos interpela. A não realização desse mandato significa erro grave, pois nos omitimos diante do erro do outro, deixando que um membro do corpo de Cristo permaneça no engano.

O texto nos apresenta a preocupação com o retorno à comunidade de quem se desligou pelo pecado. Por isso são empregados todos os recursos para a volta do irmão. É uma correção feita com respeito e amor. São oferecidas várias oportunidades para a conscientização sobre o erro. Primeiramente a exortação pessoal, para preservá-lo de constrangimento diante da comunidade. Depois, a exortação diante de algumas testemunhas; por fim, diante da comunidade, para que o irmão obstinado em sua má conduta reconheça, perante a autoridade da Igreja, a situação em que ele mesmo se colocou.

Todo esse procedimento nos ajuda a perceber o papel mediador da Igreja para ajudar um membro a sair do erro. Isso porque não caminhamos sozinhos, mas fazemos parte de um corpo, necessitamos uns dos outros para viver nossa fé.

Se levarmos a sério nossa responsabilidade para com nosso irmão, nossa ação de exortá-lo, de encaminhá-lo para o rumo certo,

proporcionar-nos-á ganhar um irmão na caminhada de fé. Nossa maior preocupação deverá ser não apontar os erros dos nossos irmãos na comunidade, mas conduzi-los de volta à comunhão com Deus expressa na comunidade crente. Se fizermos isso, certamente a Igreja desempenhará bem seu papel de mediação da boa-nova de Jesus Cristo.

2. I leitura (Ez 33,7-9): Responsabilidade pelos outros

O profeta é não apenas o porta-voz de Deus, mas também uma sentinela para o povo. A sentinela era alguém que estava de prontidão, que permanecia acordado enquanto todos dormiam. Era alguém que percebia a aproximação de um inimigo ou de um viajante noturno aos portões da aldeia. Esse simbolismo nos ajuda a ver nossa responsabilidade perante as pessoas com as quais convivemos em casa, no trabalho, na vizinhança, nos círculos de amizade, na Igreja. Devemos estar atentos aos outros: perceber se estão em perigo, se correm algum risco de pôr a si mesmos ou outras pessoas em perigo.

A expressão bíblica “exigir o preço do sangue” significa ser responsável pelo outro. Deus exige que não sejamos omissos, que não deixemos as pessoas seguir para um precipício sem alertá-las (com bondade e compaixão, sem condenar nem humilhar) sobre a necessidade de mudança de atitude.

Em todo caso, deve-se respeitar o livre-arbítrio de quem é adulto e responsável pelos próprios atos, mas somente depois de ter sido tentado tudo o que é humanamente possível para o bem do próximo.

3. II leitura (Rm 13,8-10): Quem ama o próximo cumpriu toda a Lei

Os preceitos da Lei de Deus sobre as relações humanas culminam no amor mútuo. O “amor não pratica o mal contra o próximo” e também não quer o mal para os outros. O



fato de alguém não fazer nenhum ato de maldade não significa que possa ficar confortável, dizendo a si mesmo: “Não roubei, não matei, logo sou bom para meu próximo”. Quem não pratica o mal, mas omite ou negligencia a responsabilidade pelo outro, não ama verdadeiramente o seu próximo. Responsáveis que somos por nossos semelhantes, não devemos ficar no comodismo, mas ajudá-los a ser alguém melhor.

III. Pistas para reflexão

É oportuno lembrar serem vários os motivos da omissão, os quais geralmente envolvem medo ou frieza de coração. Temos receio de advertir alguém e ser repelidos, perder a popularidade ou ser tachados de intransigentes. Por isso é mais fácil “lavar as mãos”, como fez Pilatos, e dizer: “Eu não tenho nada a ver com isso”. Não deixemos que nosso coração fique endurecido diante do clamor silencioso de quem está envolvido numa teia de erros e não consegue sair sozinho dessa armadilha. É mais fácil julgar-se superior, murmurar, fofocar, condenar quem caiu ou está em perigo de queda.

Começemos este mês da Bíblia formando uma consciência de “povo de Deus”, todos unidos como irmãos e irmãs da mesma família, responsáveis uns pelos outros. Se alguém se desviou do caminho, vamos ao seu encontro e insistamos para que retorne. E, caso não queira nos ouvir, não desistamos: oremos para que Deus mesmo o reconduza. Somente não endureçamos nosso coração.

EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ

14 de setembro

Na cruz, a redenção e a vida em plenitude

Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino

Introdução, Lógica, Cosmologia – Vol. 1

Henri-Dominique Gardeil



472 págs.

Conserva todo o frescor graças aos magníficos textos de São Tomás, cuidadosamente traduzidos e disponibilizados simultaneamente em seu teor latino original.

Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino

Psicologia e Metafísica – Vol. 2

Henri-Dominique Gardeil



544 págs.

Mostra que o estudo da alma, em Aristóteles, é parte integrante da investigação física, na qual ele se inscreve como uma espécie de introdução para a biologia.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





I. Introdução geral

A cruz era uma forma de tortura e de execução da pena de morte. Ela servia para aterrorizar possíveis inimigos políticos do império romano. Os crucificados podiam agonizar lentamente durante dias, em completa nudez e à vista de todos. Não tinham direito aos ritos funerários nem ao sepultamento, algo fundamental na Antiguidade, de modo que os cadáveres apodreciam suspensos na cruz. Essa situação era compreendida como exílio do espírito impedido de se reunir aos seus antepassados, como se acreditava acontecer aos mortos (cf. Gn 15,15). Para os judeus, a cruz não era apenas humilhação e tortura, mas maldição (Dt 21,22-23).

É necessário se perguntar como um instrumento de tortura, de morte cruel e de maldição pôde se converter em símbolo para o seguimento de Jesus (Mt 10,38). Essa mudança radical no significado da cruz, que de símbolo de maldição se transformou em sinal de salvação, somente foi possível porque a cruz se tornou o modo concreto de Jesus demonstrar com que intensidade Deus amou o mundo (Jo 3,16).

Em vez da tirania e da opressão de uns sobre os outros, a vitória da cruz não é outra senão aquela do amor sobre o ódio, do perdão sobre a vingança, do abaixamento e do serviço (Fl 2,7-8). A atitude de Jesus na cruz é contrária à atitude do império romano e dos demais condenados por rebelião contra o dominador político. Estes estavam dominados pelo ódio; aquele, pelo amor ao extremo.

A fidelidade de Jesus ao Pai e seu ato de confiança ilimitada no Deus de Israel superam toda rebeldia e orgulho da criatura na tentativa de suplantar o Criador. Na cruz se mostra a fidelidade e o amor de Deus ao ser humano, de modo que nem mesmo a morte terrível de seu Filho amado impediu a efetivação desse amor. Na cruz também se mostra até que ponto o ser humano pode manter-se fiel a Deus e ao proje-

to salvífico. Jesus suspenso na cruz é, ao mesmo tempo, o sinal do amor extremo de Deus pela humanidade e do amor humano na fidelidade a Deus. Eis a vitória da cruz.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Nm 21,4b-9): Vislumbra um sinal de salvação

Os estudiosos consideram esse relato como tentativa de explicar a presença de uma serpente de bronze que tinha se tornado objeto de culto no templo de Jerusalém, até a época da reforma religiosa efetivada pelo rei Ezequias (cf. 2Rs 18,4).

Em várias civilizações antigas, a serpente era adorada como símbolo da vida, da fecundidade (Canaã) e da sabedoria (Egito). Recentes escavações arqueológicas (no vale de Timna, Israel) encontraram um templo, datado do século XIII a.C. e dedicado ao deus egípcio Hathor, em cujo recinto principal havia uma serpente de cobre de 12 cm. A influência dos povos vizinhos pode ter motivado os hebreus a usar uma imagem de serpente para curar picadas de cobra ou, tomada como amuleto, para se proteger das serpentes do deserto durante uma travessia por lugares perigosos.

Com o objetivo de combater os cultos idólatras e apoiar a reforma de Ezequias, o autor do texto bíblico atribuiu a Deus a permissão para o uso da serpente de bronze durante a estadia dos hebreus no deserto, sob o comando de Moisés, narrando primeiramente as causas desse fato.

Os redimidos da escravidão do Egito, durante a peregrinação no deserto, ficaram impacientes por causa da rota difícil e indireta para a terra da promessa. Outra vez faltou pão e água e os hebreus novamente murmuraram (cf. Nm 11; Ex 16), sentindo-se enfasiados com o maná, descrito como alimento miserá-



vel (v. 5). Os hebreus estavam descontentes com o que Deus havia feito por eles, levando-os para o deserto, e, além disso, estavam desconfiados do que ele faria. Por isso se rebelaram e, como consequência, foram mordidos por serpentes ardentes. Por causa dessa vinculação entre rebeldia e serpentes, os sábios judeus uniram esse episódio à queda de Adão.

Os hebreus se arrependeram e clamaram ao Senhor, que ordenou a Moisés o uso da serpente de bronze para que fossem curados. Naquela época, era senso comum representar numa imagem o causador de um dano, para que pudesse ser conjurado. Acreditava-se que, ao tê-lo em imagem diante dos olhos, o ser humano poderia controlá-lo. Por isso, o autor bíblico esclarece que não era a serpente de bronze que curava, pois o ato de clamarem a Deus e de seguirem as instruções divinas demonstrava que tinham fé na palavra e na providência do Senhor.

O eixo no qual o episódio se move é a confissão dos pecados (“todos pecamos!”, v. 7) e a resposta misericordiosa do próprio Deus, que lhes dá cura, salvando-os da morte mediante um símbolo (cf. Sb 16,5-14) que figurava o Redentor definitivo do pecado e da morte, Jesus Cristo.

2. Evangelho (Jo 3,13-17): “Para que o mundo fosse salvo por ele” (v. 17)

Por causa de sua rebelião contra Deus, os hebreus foram mordidos por serpentes e curados ao fixar o olhar na serpente de bronze. Esse episódio é citado por Jesus para mostrar o paradoxo da cruz: sinal de nossa rebelião contra Deus e de nossa salvação por causa do amor de Deus para conosco.

Em ambos os casos, no tempo de Moisés e no tempo de Jesus, o ser humano está sob uma sentença de morte como consequência do pecado (transgressão da Lei) e Deus, juiz misericordioso, provê o meio de libertação dessa sentença para que o ser humano receba a vida e

Teoria das ideias de Platão Uma introdução ao idealismo Vol. 1 e 2

Paul Natorp



O autor quer resgatar a teoria de Platão de uma crítica a ela dirigida por Aristóteles, da qual tem sido difícil livrar-se desde então.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





não a morte. Deus não nos trata conforme nossos pecados nos fazem merecedores.

Ao relacionar o ato de Moisés com o seu, pelo qual oferta a vida na cruz, Jesus não estabelece comparação entre si próprio e a serpente, mas ressalta a libertação que se realizou em ambas as situações por meio de uma *elevação*. No Evangelho de João, o termo elevação alude tanto à cruz de Cristo quanto à sua ascensão ao Pai. Significa que a exaltação de Cristo é a condição para a introdução do ser humano na “casa do Pai” (cf. 14,2), no âmbito celeste.

A consequência dessa elevação/ascensão é que o ser humano passa a ter a vida em Cristo. A vida eterna se inicia já neste mundo para aquele que se decidiu por Cristo e fez adesão da própria vida àquela oferta realizada na cruz.

Jesus, elevado na cruz, aparece vencedor da morte e doador da vida para todos os que creem nele e se associam à sua oferta de vida ao Pai. Contudo, a obra de redenção realizada por Jesus é a “obra do Pai” (cf. 17,4). Portanto, na cruz de Cristo se enfatiza a gratuidade do amor do Pai, que chega ao extremo. É o Pai quem oferece a salvação ao ser humano; esse convite continua aberto, esperando o “sim” de cada um, até que Cristo venha.

3. II leitura (Fl 2,6-11): “Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (v. 11)

O trecho de Fl 2,6-11 é chamado de Hino da Kénosis, termo grego que significa “vazio”, “privar-se de poder” ou “abdicar do que possui”. Esse vocábulo caracteriza toda a vida de Jesus, o Filho de Deus, como alguém que não se apegou à sua condição divina ao entrar na história, mas assumiu as limitações próprias das criaturas, até as últimas consequências, a ponto de ficar à mercê do egoísmo e da violência humana, que o levaram à morte terrível na cruz.

Jesus viveu a vida humana perdendo-a, esvaziando-se, renunciando totalmente a si mesmo. Foi uma vida desfigurada, humilhada,

um modo de ser em relação ao outro, uma vida descentrada de si e a serviço do ser humano.

E por causa da unidade indissolúvel que vem dessa relação entre Jesus e o Pai, entre o humano e o divino, é que esse esvaziamento de Jesus diz algo a respeito de Deus em si mesmo. O esvaziamento de si não é apenas uma maneira de ser de Jesus, mas a maneira de ser de Deus. O Pai de Jesus Cristo é um Deus que se rebaixa para poder dialogar com o ser humano e tornar-se o seu parceiro nos percalços da trajetória histórica.

Cristo esvaziou-se, sendo de condição divina, renunciou aos privilégios dessa condição e assumiu uma existência humana como servo, morrendo na cruz. Por isso Deus o exaltou acima de tudo, para que ele reine sobre todas as realidades. A glorificação de Cristo será vista totalmente no último dia, quando a obra de Deus estiver plena. Até lá, todos estão num processo rumo à plenitude (para alcançar o Cristo). A vida de Paulo segue o exemplo de Cristo. Os filipenses devem fazer o mesmo que Paulo, ou seja, ter os mesmos sentimentos de Cristo (Fl 2,5), pondo a vontade de Deus em primeiro lugar, e não a busca de privilégios.

III. Pistas para reflexão

Jesus estava disposto a morrer, como tantos outros judeus de seu tempo, pela causa de Deus. De fato, muitos de seus contemporâneos tomaram as armas para defender a Lei, o templo e o povo. Jesus proclamou o Reino de Deus durante todo o seu ministério público, mas, ao contrário de seus contemporâneos, fez isso sem o uso das armas e sem empregar qualquer tipo de violência.

Após a crucificação de Jesus, seus discípulos foram chamados de cristãos e foram constituídos em continuadores de sua obra de redenção, e não seus vingadores, como era comum naquela época. Mas, com o passar do tempo, a Igreja esqueceu o significado da cruz e lhe restituiu sua antiga conotação de morte e de ter-



ror. A cruz estava nas espadas e nas bandeiras dos cruzados e em outras situações de guerra santa em nome da fé cristã.

A instituição da solenidade da Exaltação da Santa Cruz visava inicialmente ao propósito de assegurar a vitória numa guerra santa em nome da fé cristã em 626 d.C., quando o imperador bizantino Heráclio (que viveu de 575 a 641) venceu os persas.

Ao presidente da celebração cabe a tarefa urgente de instruir a assembleia sobre o perigo de tamanho desvio da fé cristã. Jamais qualquer elemento da fé deve servir de motivo para a discórdia e para a violência contra quem quer que seja. Qualquer tipo de desamor em nome da fé é não somente estranho, mas contrário à fé cristã.

25º DOMINGO COMUM

21 de setembro

Meus caminhos não são os vossos (Is 55,8)

I. Introdução geral

As leituras de hoje exortam-nos a tomar cuidado para não reduzir Deus aos critérios humanos, por melhor que sejam. Deus ultrapassa tudo o que se pode pensar ou dizer sobre ele. Muitas vezes, seus planos se tornam incompreensíveis ao ser humano. Quando isso acontece, resta-nos perseverar na fidelidade sem mudar de caminho, a exemplo de Jesus, que disse: “Pai, afasta de mim este cálice, contudo não se faça a minha vontade, mas, sim, a tua” (cf. Mt 26,39).

II. Comentário dos textos bíblicos

A arrogância das nações A Carta aos Romanos à sombra do Império

Neil Elliott



Tese que, ao mesmo tempo, vai contra a antiga compreensão de Romanos como resumo da teologia paulina da lei e do Evangelho e também contra a “nova perspectiva” sobre Paulo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





1. Evangelho (Mt 20,1-16a): “Os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos”

O texto situa-se no “sermão sobre a comunidade”. Jesus continua instruindo seus seguidores sobre como se comportar no mundo.

O Reino dos Céus é aqui comparado ao proprietário que contratou vários trabalhadores para sua vinha, em horários diferentes. No final, paga a todos igualmente, começando pelos últimos, contratados à tardinha, até os primeiros, contratados de manhã.

A maneira como o patrão trata seus operários nos chama a atenção para a gratuidade com que Deus nos acolhe em seu reino. Não é segundo os critérios humanos que Deus age em favor da humanidade. A estranheza das palavras de Jesus nessa parábola deve nos chamar a atenção para nossa maneira de julgar a Deus ou de atribuir-lhe atitudes especificamente humanas.

Geralmente o ser humano quer recompensa por suas boas ações. E, quando não se sente recompensado, acha que Deus é injusto, ou não o ama, ou esqueceu-se dele. Costuma-se até dizer: “Por que Deus não atende às minhas preces? Sou tão dedicado, tenho tanta fé!”

Mas a maneira de Deus agir não se iguala à nossa. Ele é absolutamente livre para agir como quiser. E essa liberdade é pontuada por seu amor incondicional e sua generosidade inestimável. Deus nos ama e deu-nos mais do que ousamos pedir. Deu-nos a vida. Deu-nos a si mesmo no seu Filho. Deu-nos a eternidade ao seu lado.

Por isso, o Reino dos Céus não se apresenta como recompensa por nossos méritos pessoais. É puro dom de Deus, que nos chama gratuitamente a participar da vida plena. Cabe-nos acolhê-lo como dom ou ficar numa atitude mesquinha de sempre esperar recompensas por méritos prévios. Isso não é cristianismo, não é gratuidade. Isso não é resposta amorosa a Deus.

2. I leitura (Is 55,6-9): Que o perverso deixe o seu caminho

O texto da primeira leitura é uma oferta de perdão, paz e felicidade aos pecadores. Em primeiro lugar, assegura que as orações e o arrependimento serão acolhidos por Deus: “buscai o Senhor... invocai-o... deixe o mau caminho... converta-se... que o Senhor se compadecerá” (v. 6-7).

Deus não é como o ser humano, seus pensamentos são totalmente diferentes. Ele é infinitamente fiel: não desiste de seus filhos, não cessa de ofertar-lhes sua misericórdia sem limites. Ao contrário, o ser humano desiste de Deus, trilha outros caminhos, bem diferentes daqueles propostos pelo Senhor.

“Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao Senhor... volte-se para o nosso Deus” (v. 7). Em primeiro lugar, arrepender-se é mudar de caminho, de atitudes, é tomar outros tipos de decisões, fazer outras escolhas. Mas não é só isso: há que mudar também os pensamentos, ou seja, transformar-se internamente, mudando de mentalidade em relação ao mundo, às pessoas e às situações; mudar de ideia a respeito de si mesmo, mudar até mesmo as concepções sobre Deus e sobre seus caminhos, porque o Senhor sempre estará muito além do que se pode dizer e pensar a respeito dele.

Converter-se é mudar de mente e voltar aos caminhos do Senhor. Mas voltar a ele não porque houve total compreensão do seu projeto, e sim porque ele é soberano e misericordioso. A vida humana só tem sentido no relacionamento com Deus, e quando seus caminhos são difíceis de entender e trilhar, resta, acima de tudo, perseverar na fidelidade.

3. II leitura (Fl 1,20c-24.27a): Meu viver é Cristo

Grande exemplo de perseverança, mesmo que os planos de Deus se tornem incompreensíveis, é-nos dado na leitura da epístola aos Filipenses. O cristão vive unicamente



para Deus, não em função de recompensas por méritos pessoais. Qualquer que seja a situação, boa ou ruim, deve perseverar no bem e na busca de agradar unicamente a Deus, seguindo em frente sem hesitar.

O cristão não deve desanimar nunca, mesmo se, depois de repetidos esforços, sentir-se fracassado ou mesmo perseguido, como o apóstolo Paulo. É necessário confiar somente em Deus, pois só ele pode dar eficácia à atividade humana. Mesmo sem entender o que acontece consigo, o cristão deve viver de modo digno do evangelho (v. 27).

III. Pistas para reflexão

Não considerar a parábola no plano da justiça social, mas respeitar a estranheza das palavras de Jesus, que tem por objetivo nos conscientizar de que o Reino de Deus não se baseia em mérito-recompensa, mas é puro dom. O próximo domingo será o dia da Bíblia; é bom destacar a importância do itinerário do povo de Deus, comparando-o ao daqueles trabalhadores das primeiras horas. Os hebreus foram os primeiros a responder “sim” ao apelo do dono da vinha. As demais nações herdaram desse povo as alianças, as promessas, a história e, principalmente, o Messias. Sejam gratos a Deus e a Israel, nosso irmão mais velho, fatigado pelo dia inteiro de trabalho.

26º DOMINGO COMUM

28 de setembro

Ensina-me, Senhor, os teus caminhos (Sl 25,4)

I. Introdução geral

Os textos de hoje nos mostram que o Reino de Deus entra em diálogo com o ser huma-

O Novo Testamento em seu ambiente social

David L. Balch e John E. Stambaugh



Tem o objetivo de ajudar a entender o relacionamento entre os cristãos mais antigos e o mundo que os cercava.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





no, para que este possa distinguir entre o modo como se dá a ação divina e a maneira humana de proceder. O ser humano é uma tarefa, ele nunca vai estar terminado; sua existência no mundo é um constante fazer-se e refazer-se, baseado nas decisões tomadas com livre-arbítrio.

Quem é bom pode deixar o caminho do bem, e quem é perverso pode abandonar a vereda do mal. Por isso, Deus está constantemente chamando o ser humano para que deixe os caminhos tortuosos e diga um “sim” consciente e maduro que seja realmente “sim”. Para isso, Deus envia mediadores, na tentativa de chegar ao coração humano.

Contudo, as pessoas podem recusar o chamado de Deus, fazer pouco caso de sua proposta ou até mesmo ser hostis com os mediadores que ele envia. É sobretudo por orgulho que opõem obstáculos à própria salvação. Por isso, exorta-nos o apóstolo: “Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo”.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 21,28-32): João ensinou o caminho da justiça e não acreditaram nele

Jesus, para nos instruir sobre nossas próprias escolhas, conta-nos a parábola dos dois filhos que mudaram de atitude. Deus nos fez livres. A salvação que ele nos oferece é puro dom. Cabe-nos responder “sim” ou “não” a esse convite. O livre-arbítrio possibilita ao ser humano acolher em sua vida o bom ou o mau caminho. Há sempre a possibilidade de mudar de rumo. É isso o que nos mostra o texto. Ambos os irmãos mudaram de rumo. Um fez a vontade do pai e o outro não.

Estar no rumo certo não é sinônimo de segurança, pois podemos ser facilmente levados para outro caminho se não nos mantivermos atentos ao chamado constante de Deus. Por

isso a necessidade constante de conversão, porque não estamos prontos. E os que se acham “santos” são muito facilmente propensos ao erro, mais do que os que têm firme consciência das próprias limitações. Os “santos” acabam afogando-se na sua soberba e se fecham à graça divina. Ao contrário, os pecadores são mais abertos para acolher a graça, pois confiam apenas na misericórdia de Deus.

Fazer a vontade de Deus é muito mais acolhê-lo na vida diária do que proclamar discursos vazios, destituídos de testemunho de vida. Deus nos chama constantemente a viver seu amor na doação total de nossa vida ao irmão. Deve-se viver esse chamado nos atos cotidianos, nas relações interpessoais, nas próprias escolhas. Fazendo assim, caminha-se na justiça e no testemunho fidedigno do Reino de Deus.

2. I leitura (Ez 18,25-28): Deus ensina o caminho aos pecadores

O texto começa com uma estranheza: “O caminho do Senhor não é direito” (v. 25). Pensava-se dessa forma porque Deus não fazia o que se esperava, a saber: recompensar o “justo” e castigar os “injustos”. Esse modo diferente de Deus proceder irritava as pessoas tidas como santas naquela época.

Por meio do profeta, Deus toma a palavra e põe as intenções humanas às claras: os caminhos humanos é que são tortuosos, mas, apesar disso, Deus continua chamando, respeitando o livre-arbítrio e perdoadando a cada um de seus filhos.

Em primeiro lugar, Deus se dirige aos tidos por justos. O que se pode dizer de uma pessoa realmente justa? Como pode ser qualificada uma pessoa convertida? Aquele que aparentemente é santo e irrepreensível, e comete atos que fazem transparecer grande maldade no coração, pode ser considerado justo ou convertido? Segundo o texto que foi proclamado, a pessoa que se qualifica assim não é verdadeiramente justa, e Deus, que tudo vê,



considera os atos de iniquidade dela, não sua suposta justiça externa.

Outros são tidos por pecadores, hereges, infiéis, gentinha de má conduta. A estes Deus convida à conversão e, caso tenham abertura para acolher o perdão divino, é-lhes assegurado que não serão considerados os atos praticados numa vida desregrada, muitas vezes afetada por condicionamentos sociais, religiosos e psicológicos.

Enfim, o texto bíblico exorta todos à conversão, e a todos está destinado o perdão de Deus.

3. II leitura (Fl 2,1-11): O esvaziamento de Cristo nos ensina o caminho para Deus

O apóstolo Paulo pede aos filipenses que tenham os mesmos sentimentos de Cristo (v. 5). Com isso, ele espera resolver o problema daquela comunidade: egoísmo e arrogância (v. 3) e dissensões internas que ameaçavam o amor, a unidade e o companheirismo. Mas quais seriam os sentimentos de Cristo que o apóstolo deseja inculcar nos filipenses?

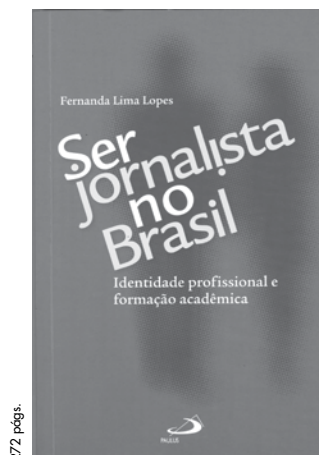
Para definir bem de que se trata, Paulo usa o termo “esvaziamento” ou “abaixamento”, que significa privar-se de poder ou abdicar de um direito que se possui. Cristo não se apegou à sua condição divina nem usou dos privilégios dela em favor de si mesmo, mas assumiu a existência humana como servo. O abaixamento de Cristo não é apenas tornar-se humano, mas, além disso, tornar-se servo.

Isso caracteriza a totalidade da vida de Jesus, que assumiu as limitações humanas e esteve à mercê de nosso egoísmo e violência, responsáveis pela sua morte terrível na cruz. Porque, acima de tudo, ele quis atender ao bem-estar e aos interesses dos outros, em vez de ter interesses egocêntricos.

Esse modo de viver de Jesus nos ensina o caminho para Deus. É descendo a escada da humildade que ascendemos ao reino definitivo. Esses critérios são diferentes dos

Ser jornalista no Brasil Identidade profissional e formação acadêmica

Fernanda Lima Lopes



A identidade jornalística se dá menos pela permanência de critérios tidos como decisivos para o reconhecimento da profissão, e mais pelo incessante devir de processos pelos quais essa identidade vai sendo negociada e construída.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





critérios humanos, mas são o único e legítimo caminho para a verdadeira humanização e para Deus.

III. Pistas para reflexão

O momento atual é marcado por uma religiosidade intimista e subjetiva, de relacionamento vertical: o indivíduo e Deus. Isso traz como consequência a ideologia da prosperidade: “Eu não cometo pecados escandalosos e, em troca, Deus me abençoa com o que quero”. Esse tipo de religiosidade suscita a ideia de um Deus castigador, que está contra os “maus” e recompensa os “bons”. As leituras de hoje mostram que tal pensamento é tortuoso e não representa os critérios de Deus. Por isso é bom destacar na homilia a gratuidade, o cuidado com os mais fracos, a tolerância e o diálogo que constroem comunidade.

Hoje é o dia da Bíblia, palavra de Deus, “luz para os passos, lâmpada para o caminho” (Sl 119,105). Tal data não deve passar sem algum destaque na comunidade. Há um clamor uníssono para que a palavra de Deus seja o centro da vida e da missão da Igreja. Este dia é ótima oportunidade para que sejam iniciados (ou melhorados) eventos que destaquem a centralidade da palavra de Deus em toda a Igreja, começando pelas comunidades mais simples e pequenas, até atingindo o mundo inteiro.

27º DOMINGO COMUM

5 de outubro

Trabalhar na vinha do Senhor

I. Introdução geral

O tema da vinha é predominante na liturgia de hoje. Trata-se de parábola comum ao Antigo e ao Novo Testamentos, da qual pri-

meiro os profetas e, depois, Jesus se serviram para falar do amor de Deus e da ingratidão do ser humano. Na primeira leitura, Isaías descreve a história de Israel como a história da vinha que o Senhor plantou e à qual deu condições para que produzisse bons frutos. O evangelho resume a metáfora de Isaías e a desenvolve, falando de outros imensos benefícios realizados por Deus, primeiramente o envio dos profetas e, enfim, o envio do Filho como prova suprema de amor. A segunda leitura pode ser tomada como um convite à gratidão para com Deus e como compromisso de nossa parte para darmos abundantes frutos de boas obras.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 21,33-43): Entregarão os frutos no tempo certo

Numa releitura do texto de Isaías, o evangelho de hoje vem acentuar a importância dos líderes religiosos no exercício de sua missão na comunidade: cuidar da vinha.

O cultivo da vinha exige muita dedicação, porque ela representa frequentemente os escolhidos de Deus, muito valiosos para ele. O dono da vinha esteve distante até o tempo em que ela deveria dar frutos e a confiou a “empregados”. Jesus está dizendo a seus interlocutores que eles são apenas servos de Deus, que a função deles é entregar os frutos para o verdadeiro dono, mas eles quiseram fazer as coisas do jeito deles.

Os servos quiseram a parte que pertencia a Deus. Mas somente o Senhor tem a última palavra na condução do povo. E somente a Deus pertence o louvor, não aos líderes religiosos. Então a liderança religiosa já não estará com aquele grupo; caberá a quem fizer a vinha produzir frutos para Deus.

Essa realidade criticada pelo evangelho está presente na Igreja em todos os tempos,



porque o ser humano é sempre tentado a usurpar o lugar de Deus. Para aprendermos a assumir nosso papel na liderança da comunidade, basta olhar para Jesus, que não se apeçou a seu ser igual a Deus, mas assumiu a condição de servo (cf. Fl 2,6-7). E ele é o herdeiro da vinha. Por isso, Jesus é o caminho a ser seguido, não somente pelos líderes religiosos, mas também por todos os que queiram realizar, na sua vida, a vocação humana e cristã: ser para Deus. Se realizarmos essa vocação, certamente a vinha do Senhor dará muitos frutos no seu tempo.

2. I leitura (Is 5,1-7): Esperava que produzisse uvas boas

O poeta canta em versos a história de amor entre seu amigo e a vinha. Primeiramente destaca o cuidado que seu amigo teve para com ela: preparou a terra, plantou mudas selecionadas; deu-lhe proteção permanente com vigias, construindo uma torre; evitou que as uvas se estragassem, fazendo um tanque de amassar uvas. Esses cuidados fizeram dela uma “vinha preciosa” (Jr 2,21). Contudo, a vinha não correspondeu às expectativas de seu proprietário. Para Isaías, a vinha é Israel, e Judá, a totalidade do povo de Deus. Que expectativas não foram correspondidas? O exercício da justiça e do direito.

O poeta afirma que seu amigo, o proprietário da vinha, identificado com o Senhor dos exércitos, convoca os moradores de Jerusalém para julgar a vinha. O proprietário faz duas perguntas: a primeira sobre as próprias atividades, e a segunda sobre a produção da vinha. No final, o proprietário dá uma sentença, anunciando o que fará. E suas atividades para com a vinha serão o oposto dos cuidados iniciais. O ápice é o v. 7, no qual estão em contraste as expectativas de Deus e a resposta negativa do povo.

A vinha não produz os frutos esperados, o povo não realiza obras que agradam a Deus, especificamente a justiça e o direito. Essas pa-

Qual o sentido da vocação e da missão?

José Lisboa Moreira de Oliveira



Convite para percorrer o caminho feito desde o Concílio até agora, de modo que enxerguemos a dimensão vocacional da ação evangelizadora da Igreja.

Vocação

Convite para servir

Pe. José Dias Goulart



A liberdade na escolha da vocação faz do serviço uma espontânea entrega de si.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



lavras da primeira leitura são bem atuais; hoje elas se dirigem a nós que somos povo de Deus em Jesus Cristo.

3. II leitura (Fl 4,6-9): Ocupai-vos com tudo o que é bom

O texto da segunda leitura traça um itinerário para que o cristão possa ter uma práxis que seja fruto de seu relacionamento com Deus.

Primeiramente diz: “Não vos preocupeis com coisa alguma”. Isso não significa ser irresponsáveis nas tarefas, nas atribuições, nas profissões, nos relacionamentos familiares etc., e sim que as preocupações com o cotidiano não devem tomar demasiado espaço em nossa vida. Quanto mais se confia em Deus, tanto mais os pensamentos ficam livres de aflições e ansiedades (cf. Mt 6,25 e 1Tm 5,8).

Se alguma situação se torna muito difícil para nós, então devemos nos reportar a Deus com orações e súplicas. A palavra “súplica”, no idioma em que o texto foi escrito, denota o sentido de algo do qual necessitamos muito, de alguma coisa vital para nós. Mas as orações e súplicas devem estar unidas à ação de graças, porque devemos agradecer a Deus antes mesmo de receber a resposta dos nossos pedidos. Talvez Deus não realize exatamente o que esperamos, mas sabemos que ele sempre responde às nossas orações e por isso devemos agradecer imediatamente.

Em seguida, após depositarmos nossas dificuldades nas mãos de Deus, já não estaremos tão estressados como antes e poderemos saborear “a paz que supera todo entendimento” (v. 7). Sentimos paz não porque a situação foi resolvida, mas porque ela já não nos sufoca – afinal, somos a vinha bem cuidada de Deus.

E como nossa mente já não está sobrecarregada com preocupações e ansiedades, então podemos nos ocupar com o que é essencial (v. 8): levar uma vida exemplar no mundo (dar testemunho), sendo verdadeiros, sabendo respeitar a dignidade do outro, sendo amáveis, sendo puros, enfim, prati-

cando as virtudes.

Paulo termina dizendo que os filipenses aprenderam esse comportamento observando o modo pelo qual ele se comportava. Quem dera as pessoas pudessem também aprender essas coisas pelo testemunho dos cristãos. Então o mundo inteiro seria uma vinha que produz frutos agradáveis para Deus.

III. Pistas para reflexão

Também para os membros da Igreja valem as palavras de Isaías e de Jesus; por isso a homilia deve evitar estabelecer contraposição entre Israel e Igreja, para não deixar os cristãos numa posição muito confortável. Se a vinha, que é a vida de cada fiel na Igreja, não der frutos, Jesus dirá hoje as mesmas palavras que dirigiu aos líderes religiosos da sua época.

Estamos iniciando o mês missionário, e todo batizado deve ser “vinha do Senhor”, dar frutos e evitar o comodismo que freia a missão. Esta não deve ser entendida como atividade individual e fruto de recursos e capacidades humanas, mas sempre como colaboração com a obra missionária de Cristo, pois ele é a origem e fonte de toda atividade missionária na Igreja.

28º DOMINGO COMUM / NOSSA
SENHORA APARECIDA

12 de outubro

A vida do meu povo, eis o que vos peço

I. Introdução geral

A liturgia de hoje enfatiza a luta travada entre o bem e o mal. Do lado do bem está a



mulher, que tanto na época de Ester quanto na de Maria tinha pouco espaço de ação na sociedade. Parece uma luta perdida, as forças das trevas e da morte estão em proporções gigantescas. Mas a mulher sai vencedora porque luta pela vida, e o Deus da vida está com ela.

Outro aspecto considerado pela liturgia é a intercessão. A mulher recorre àquele que pode socorrer o povo em momentos de aflição. No Antigo Testamento, é a vida do povo de Israel que está ameaçada. No evangelho, Maria pede o vinho da nova aliança, que dá a vida em plenitude. No Apocalipse, a humanidade ou nova Eva finalmente é libertada por Deus das insídias do antigo inimigo.

Esses aspectos estão presentes na devoção a Nossa Senhora Aparecida, como intercessora dos pequeninos que têm a vida e a dignidade ameaçadas. Maria é o grande sinal de que a vida sairá vitoriosa sobre qualquer tentativa de impedir seu avanço à plenitude de Cristo.

II. Comentário dos textos bíblicos

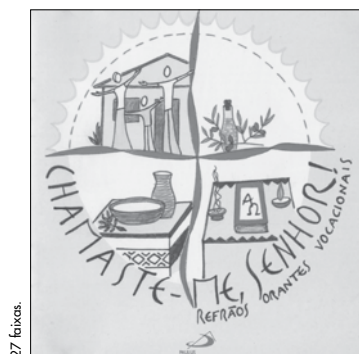
1. Evangelho (Jo 2,1-11): Eles não têm vinho

O texto de hoje começa com a expressão “no terceiro dia”, cujo significado nos remete ao dia da intervenção divina a favor do justo. Nesse caso, o acontecimento divino é o “início dos sinais” – ou seja, a manifestação da salvação de Deus já começou. E Maria é aquela que intercede a Cristo. Ela pede o vinho da nova aliança, que significa ter vida em plenitude. E, para experimentarmos o vinho novo, é preciso fazer tudo o que Cristo nos disser (cf. v. 5). Maria é aquela que nos aponta o Filho. Seu desejo maternal para conosco é que sejamos verdadeiros seguidores de Jesus.

A certeza com que Maria se dirige a Jesus, apesar de não ser ainda a hora, reflete seu verdadeiro discipulado, porque ela acreditou muito antes de ver o sinal. Por isso, Maria é verda-

CD Chamaste-me, Senhor! Refrãos orantes vocacionais

PAULUS Música



Rezados ou cantados, estes versos servem tanto para a prática da meditação quanto da oração e podem ser utilizados em encontros ou retiros. Convidam o ouvinte a elevar seu pensamento a Deus.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



deira intercessora da Igreja. Ela acredita e confia na ação de Deus em favor de seu povo. Ela pede o que é mais importante para nós, cristãos: a plenitude da vida. E, se seguirmos realmente sua indicação e fizermos tudo o que Cristo nos disser, jamais nos faltará o “vinho bom”, pois o teremos em abundância. Se aprendermos isso, certamente viveremos com maior profundidade nossa devoção a Nossa Senhora Aparecida.

2. I leitura (Est 5,1b-2; 7,2b-3): Tudo o que pedires eu te darei

O v. 1 do capítulo 5 do livro de Ester começa com a expressão “no terceiro dia” (o texto da liturgia suprimiu essa referência). Trata-se do terceiro dia do jejum, mas a expressão significa muito mais que isso. Os sábios judeus, ao interpretar Oseias 6,2, afirmam que a expressão “terceiro dia” ou “três dias” significa o tempo da salvação. Até dois dias o Senhor poderá deixar o justo sofrer, mas no terceiro o salvará.

Ester corria o risco de ser executada, mesmo sendo rainha, pois a lei daquele país (a Pérsia) proibia a qualquer um apresentar-se perante o rei sem que por ele tivesse sido chamado. Mas Ester arriscou a própria vida para interceder pela vida do povo. Sua vida foi preservada porque o rei estendeu o cetro para que Ester o tocasse e, segundo a lei, fosse poupada da morte.

Percebendo ter ganho o favor do rei, Ester faz o pedido: “concede-me a vida, pela qual suplico, e a vida do meu povo, pelo qual te peço” (7,3). O rei havia oferecido a Ester até metade do reino, mas ela pediu um bem mais precioso, a vida para si mesma e para seu povo.

3. II leitura (Ap 12,1.5.13a.15-16a): Um grande sinal no céu

No texto do Apocalipse, aparece a mulher que luta com o dragão, representante das forças das trevas e da morte. É uma mulher coroada, mas sua realeza provém exclusivamente da realeza do Filho, que “governa todas as nações com cetro de ferro” (v. 5a).

O Filho é “levado para junto de Deus e do seu trono” (v. 5b), alusão à ascensão de Cristo ao céu. Isso significa que o Filho é vencedor contra as forças representadas pelo dragão. E, para usufruir dessa vitória, é necessário que cada cristão sustente a luta. No combate contra as forças do mal, o ser humano é sustentado pela fé e pela graça. Sustenta-o também a materna proteção de Maria, que não cessa de interceder a seu Filho para que a humanidade alcance a vida em plenitude.

III. Pistas para reflexão

A liturgia de hoje invoca Maria sob o título de Aparecida. Virgem negra, retirada das águas pelas redes de pescadores humildes. A homilia, mais que exaltar a realeza de Maria, deve enfatizar sua missão entre nós: estar no meio do povo, das pessoas simples, dos que não têm a vida e a dignidade defendidas. Semelhante à nossa gente pobre, Maria é mulher do povo. É bom convidar a assembleia para refletir sobre essa mulher cuja abertura para Deus e para o outro se nos apresenta como modelo dinâmico de quem quer amar, servir e encarnar Cristo Palavra.

A imagem aparecida nas águas diz muita coisa. Em Maria, todo sofredor se sente acolhido e restaurado, apesar da dor, e reanimado na esperança. Maria é sinal de que Deus é fiel e jamais abandona seus filhos. Maria é sinal de que o amor de Deus é muito maior que o amor de mãe (Is 48,15).

29º DOMINGO COMUM

19 de outubro

Anunciai entre os povos que o Senhor reina



I. Introdução geral

A liturgia de hoje ressalta que a história da humanidade está nas mãos de Deus. Interpretada à luz da fé, a história ganha seu verdadeiro significado: a salvação do ser humano.

Até mesmo as ações das pessoas que não têm fé podem ser vistas como colaborações inconscientes ao projeto de Deus. É isso que nos mostra a primeira leitura: o imperador Ciro, mesmo sem o saber, fez a vontade de Deus. Situações políticas totalmente seculares podem ser usadas pelo Senhor como instrumentos para a salvação do ser humano.

Na segunda leitura, vemos que Paulo e os tessalonicenses são fiéis na difusão do evangelho. Tal fato deveria nos animar bastante, porque sabemos que, no início da Igreja, os cristãos sofriam várias perseguições. Isso significa que Deus pode servir-se até mesmo de situações adversas para realizar a salvação, porque ele é o Senhor da história.

No evangelho, Jesus traça uma linha divisória: a autoridade política tem seu campo próprio, a ordem e o bem público. Dentro desse campo, a autoridade política deve ser respeitada. Mas a autoridade política não tem o poder de exigir o que somente a Deus é devido.

II. Comentário dos textos bíblicos

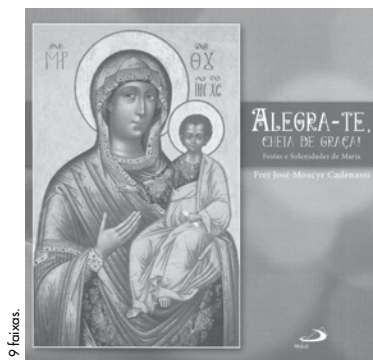
1. Evangelho (Mt 22,15-21): Dai a Deus o que é de Deus

O evangelho de hoje nos põe diante de um dilema no qual muitas vezes travamos: como conciliar em nosso cotidiano duas realidades por vezes antagônicas, a autoridade política e a religiosa? Nesse caso, Jesus nos aponta o caminho a seguir.

A pergunta feita a Jesus certamente é bem maliciosa. Os judeus estavam sob o domínio romano, e o pagamento do tributo era prova de sujeição ao imperador. Se Jesus respondes-

CD **Alegra-te, Cheia de graça!** **Festas e Solenidades de Maria**

PAULUS Música



19 faixas.

Repertório para as solenidades e festas de Maria durante todo o Ano. Inclui cantos avulsos relacionados à Maria para o período do Advento, Semana Santa e Tempo Pascal.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





se que o povo deveria pagar o imposto, perderia sua popularidade, seria acusado de trair sua nação e perderia qualquer pretensão messiânica. Caso respondesse que não deveria pagar o imposto, seria acusado de rebelião contra o império e seria preso. Qualquer que fosse a resposta, Jesus estaria em perigo. Mas ele ultrapassa a questão do lícito ou ilícito e conduz seus interlocutores a uma reflexão mais profunda: a autoridade política não pode tomar o lugar de Deus.

Para Israel, só Deus podia reinar sobre o povo, mediante um representante tirado de uma das tribos. Por isso, a sujeição ao imperador romano era sinal de idolatria. Além disso, essa situação se agravou quando o imperador se autoproclamou divino.

Quando Jesus pergunta de quem é a figura e a inscrição na moeda, entra no âmago da questão. Os judeus usavam a moeda romana e, por isso, não tinham por que se opor ao pagamento do imposto. Mas Jesus acrescenta que se deve dar a Deus o que é de Deus, reafirmando a soberania do Senhor sobre Israel e as nações. No grego, a palavra “dar” também significa “devolver”. E já que a imagem de Deus está gravada em nós, devemos “devolver” nossa vida em adoração a ele, cumprindo a sua soberana vontade. Assim, a prática de devolver a Deus o que é de Deus destrói toda idolatria.

A autoridade política deve ser respeitada, porque está a serviço do bem comum, mas nunca terá o poder de exigir o que é devido somente a Deus, cuja imagem está impressa em nós.

2. I leitura (Is 45,1.4-6): Eu sou o Senhor e não há outro

O texto bíblico começa com a afirmação de que Ciro, o rei persa que dominava sobre os judeus, tinha sido escolhido por Deus para executar a tarefa de fazer o povo exilado voltar à terra de Israel. É uma afirmação muito estranha na Bíblia, porque o termo “ungido” (messias ou cristo) era reservado apenas para três

categorias em Israel: reis, sacerdotes e profetas. Afirmar isso de um rei estrangeiro, que servia a outros deuses, é algo único na Bíblia.

Para entender esse versículo, é necessário imaginar o que as pessoas da época poderiam estar pensando. Quando souberam do decreto do imperador que os liberava para voltar a Israel, os judeus poderiam pensar: “Que feliz coincidência e que sorte nós tivemos, a política do imperador vai nos favorecer”. O profeta entrou em ação para dizer que as coisas não eram bem assim como estariam pensando, deixando claro que não se tratava de sorte ou coincidência. Deus é sumamente fiel e ama os filhos de Israel; ele os tirou da escravidão do Egito, levou-os para a terra prometida e para lá os faz retornar. Ciro não passa de um instrumento de Deus para executar uma tarefa. O imperador não é uma divindade, ao contrário, é como uma criança conduzida por um adulto para fazer algo que ela nem tem consciência do que seja. Ciro é tomado pela mão e levado pelo Senhor para libertar os judeus.

Assim, o texto bíblico orientou as pessoas antigamente e nos orienta hoje para a consciência de que nenhuma autoridade é eterna ou absoluta: há um único Deus e tudo está submetido a ele e ao seu plano. Nada nem ninguém pode impedir a realização do projeto divino. O livre-arbítrio humano pode apenas escolher entre colaborar ou não com Deus. A história da humanidade está imersa no projeto de Deus como peixes num aquário, que pode nadar de um lado a outro, mas sempre estão dentro do mesmo recipiente. Mesmo quando se tenta impedir que o projeto divino se realize, Deus é suficientemente criativo para do mal fazer um bem. Prova disso é que a morte de Jesus na cruz se tornou vida plena para quem o segue.

3. II leitura (1Ts 1,1-5b): O evangelho foi anunciado entre vós

Paulo escreve uma carta à Igreja que se encontrava em Tessalônica, cidade pagã cujos ha-



bitantes estavam a serviço de vários ídolos. Os cristãos dessa cidade, ao contrário, são assembleia santa, são eleitos de Deus e congregados em Jesus Cristo.

O apóstolo sempre se lembra da “ação da fé” dos tessalonicenses. Essa expressão pode parecer estranha aos ouvidos atuais, porque hoje comumente se compreende fé como se se tratasse de um sentimento. Mas, nos idiomas antigos, fé é um modo de viver, é a vida em ação colaborando com Deus. Colaborar significa “trabalhar com”. Assim, a fé é mais que um sentimento: é uma tarefa, um ofício, um trabalho, uma missão. O plano de Deus se realiza independentemente da fé do ser humano, mas os que vivem a fé assumem consciente e livremente esse plano como um objetivo de vida a ser realizado e trabalham com Deus na efetivação desse projeto, até que chegue à plenitude.

III. Pistas para reflexão

Chegamos à segunda metade do mês missionário, e alguns eventos já devem ter sido realizados na comunidade. Mas alguns cristãos ainda não se envolveram na proclamação do Reino de Deus. Alguns estão em situação semelhante à de Ciro: embora suas ações sejam boas, eles não as realizam como fruto de uma opção consciente e comprometida com o Reino de Deus. Outras pessoas são como os judeus exilados: não conseguem ver a mão de Deus por trás dos acontecimentos históricos. Quando muito, pensam que os desastres são castigos, e essa é a leitura mais errada que se pode fazer dos eventos históricos.

Ainda podemos considerar algumas pessoas semelhantes aos fariseus do evangelho: confundem autoridade humana com autoridade divina, pensam que o fato de não cometer escândalos é suficiente para alguém ser considerado amigo de Deus.

Contudo, a Igreja necessita de pessoas como os tessalonicenses, cuja fé é mais que um sentimento ou religiosidade desencarna-

A lista de Bergoglio

Os que foram salvos por Francisco durante a ditadura
A história jamais contada

Nello Scavo



176 págs.

Em 24 de março de 1976, os militares tomaram o poder na Argentina. Em Buenos Aires, o padre jesuíta Jorge Mario Bergoglio empenhou-se em salvar muitas pessoas, que, sem sua ajuda, teriam desaparecido. Esse padre é, hoje, o Papa Francisco.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





da. A Igreja necessita de cristãos de quem se possa dizer: “Lembro-me sempre da ação de vossa fé” (cf. 1Ts 1,3).

30º Domingo COMUM

26 de outubro

O maior mandamento

I. Introdução geral

A liturgia de hoje destaca o maior mandamento: amar a Deus e amar o próximo. No livro do Êxodo, encontramos uma série de leis sobre os deveres para com as categorias sociais mais necessitadas naquela época: estrangeiros, viúvas, órfãos e endividados. No Novo Testamento, essas exigências são plenificadas pelas palavras de Jesus, ao pôr em paralelo o amor a Deus e o amor ao próximo. Mais que palavras, a obra redentora de Cristo é a expressão de seu amor ao Pai e ao ser humano. O Filho de Deus é verdadeiramente aquele que se fez próximo de quem mais necessitava da plenitude da vida.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. Evangelho (Mt 22,34-40): Amor a Deus, amor ao próximo

O evangelho de hoje nos situa diante de uma pergunta muito importante, não apenas para os judeus, mas também para nós, cristãos: o maior mandamento. É importante para nós, seguidores de Jesus, porque o mandamento nos reporta à prática evangélica.

A resposta de Jesus, fundamentada na Escritura, une dois mandamentos já conhecidos e praticados pelos judeus. O primeiro é *amar a Deus* (Dt 6,5), que resume a vocação própria

de Israel, a razão de sua existência. Em Cristo, essa vocação estendeu-se a todos nós, chamados a amar a Deus no Filho amado. Ele nos ensinou o caminho de acesso a Deus Pai, no amor e na doação de sua vida integralmente.

O segundo é *amar o próximo como a si mesmo* (Lv 19,18), cujo fundamento é Deus, que ama o ser humano. A realização desse mandamento faz parte da vocação de Israel e, em Jesus, chegou à plenitude, porque Cristo amou o próximo não como a si mesmo, mas como o Pai o ama. Deu-se totalmente ao outro como se dava totalmente ao Pai e como o Pai se dava a ele. Sem reservas. Por isso, ao unir os dois mandamentos e defini-los como vontade de Deus expressa na totalidade da Escritura (Lei e Profetas), Jesus apresenta uma novidade à sua época e a nós.

Jesus quer ressaltar que o mais importante para cumprir a vontade de Deus não é o muito fazer, seja por Deus, seja pelos irmãos. O importante é ser para o outro, como ele próprio foi para Deus e para o próximo. Toda a sua vida e missão traduziram quem ele é: o Filho amado. Toda a sua ação em prol do outro foi baseada no amor filial, fonte de sua existência. Toda a Escritura (Lei e Profetas) testemunha que a realização da vontade de Deus está no cumprimento do duplo mandamento de amar a Deus e o próximo. Tudo o mais, nossos afazeres, nossas devoções etc. só têm sentido se nascem desse mandamento.

2. I leitura (Ex 22,20-26): “Quem ama a Deus ame também a seu irmão” (1Jo 4,21)

A série de leis que aparecem nesse texto bíblico baseia-se em dois fundamentos:

- não se deve fazer a outrem o que não é desejado para si mesmo (Ex 22,20);
- Deus é o libertador e tem particular cuidado com os atribulados, escuta seus clamores e é misericordioso para com eles (Ex 22,26).

São estas as categorias sociais mencionadas nas proibições:



– *o estrangeiro*. Na Antiguidade, cada indivíduo tinha a identidade vinculada a uma tribo ou clã de origem que o protegia. Em viagem ou quando havia migração de uma pequena família para outra região, então facilmente essas pessoas ficavam sem proteção e à mercê da violência, por causa da distância da tribo à qual pertenciam.

– *a viúva e o órfão*. A mulher era protegida pelo pai e, na falta deste, pelos irmãos adultos; se casada, pelo marido e, na ausência deste, pelos filhos adultos. A viúva propriamente dita era uma mulher cujo pai ou irmãos estavam ausentes e que, com a morte do esposo, tinha ficado sozinha com filhos ainda crianças. Nessa condição, a mulher estava totalmente desprotegida, podendo sofrer violência e escravidão. Ela está na mesma situação da criança órfã.

3. II leitura (1Ts 1,5c-10): Sois um exemplo para todos

A segunda leitura é um exemplo prático de amor a Deus e ao próximo, concretizado no perdão e na perseverança.

Paulo elogia os cristãos de Tessalônica por perseverarem na fé, apesar das tribulações pelas quais passaram. Eles imitavam o modo de viver de Paulo e, em última instância, o modo de viver de Cristo. Quando abraçaram a fé cristã, sofreram calúnias e outras perseguições dos moradores da cidade. Mesmo assim, nada os impediu de perseverar no amor a Deus e na divulgação do evangelho entre os que os perseguiam. Isso mostra que o amor ao próximo não é sinônimo de ajudar os afli-

tos. O próximo é aquele de quem me aproximo, seja para ajudar, seja para perdoar. Não podemos confundir “próximo” apenas com “necessitado”.

Os cristãos de Tessalônica eram alegres, apesar das perseguições. Não sentiam uma alegria superficial, como a que brota de um coração vazio de sentido e sedento por diversões. Tratava-se, antes, da alegria profunda de quem não guarda rancor, de quem sabe perdoar e amar. Eles perseveravam no amor a Deus e ao próximo.

III. Pistas para reflexão

Destacar na homilia a dicotomia presente na vida de alguns cristãos e chamar a atenção para a unidade entre fé e vida.

Muitos cristãos ainda não assimilaram o mandamento de Jesus sobre o amor a Deus e ao próximo. Muitos lutam por justiça, têm uma prática social e estão engajados na luta por um mundo melhor, mas não têm um momento para estar com Deus em oração, não têm tempo para o Senhor, e, em consequência, suas ações não são fruto de escuta ou de discipulado. Outros cristãos vivem para louvar, para práticas devocionais de novenas e rosários; passam tanto tempo na igreja que não têm um momento para a família, para os amigos, para os vizinhos ou colegas de trabalho.

Discípulos e missionários orantes e atuantes, dedicados a amar a Deus e amar o próximo, constituem os verdadeiros seguidores de Jesus. ●

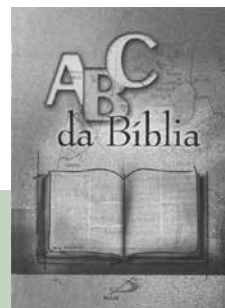
ABC da Bíblia

Trata-se de um livrete-programa para cinco encontros, destinados às comunidades de base, círculos bíblicos e outros grupos dedicados ao estudo da Bíblia. É útil também para uma leitura pessoal. De apresentação bastante simples, não oferece dificuldade para o leitor de nenhuma categoria social. (40 páginas)

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011 | SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL | paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



A ESPIRITUALIDADE PAULINA E OS INSTITUTOS DE VIDA SECULAR CONSAGRADA

Segundo Pe. Alberione, a melhor ocupação de nossa vida é o empenho no aperfeiçoamento pessoal, o trabalho na santificação de nossa alma. Para isso, é necessário que tomemos consciência da brevidade desta vida e do caráter eterno daquela que iniciaremos após a nossa morte. Quanto esforço devemos nos impor a fim de que possamos dizer como são Paulo: “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé” (2Tm 4,7).

“Vede os negociantes, como são solícitos em ganhar, às vezes, apenas pouco dinheiro negociando em vários gêneros de mercadoria. E nós para a eternidade? Gastar a vida para o Mestre Divino! Os méritos não se contam como se conta dinheiro, quando se recebe salário, mas tudo se acumula às portas da eternidade, e tudo isso será uma riqueza imensa ganha aos poucos, dia a dia... É um esforço que dura um instante, mas conquista muita glória no céu” (Pe. Alberione, *Meditazioni per consacrare secolari*).

Por trás desse esforço, trabalho de uma vida inteira, deve haver um método, uma estrutura de apoio que dê direção e destino a essa diligência na busca da santidade. Esse método está alicerçado em uma espiritualidade, em um estilo de vida que caracteriza uma escolha, um caminho.

A Família Paulina, que neste ano de 2014 completa seu 1º Centenário de Fundação, oferece, por meio dos Institutos de vida secular consagrada, essa opção de caminho seguro (reconhecido pela Igreja como capaz de conduzir à salvação) que nos possibilita viver no mundo, não sendo do mundo.

A Espiritualidade Paulina, centrada em Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida, compreende todo o evangelho e vive são Paulo. Esmiuçando um pouco mais estas afirmações, Pe. Alberione nos diz: “Mas o que se deve dizer com relação ao Caminho? É preciso fazer com que os homens caminhem cristãmente. Quando Jesus estava para deixar os apóstolos, quando estava perto de concluir a sua vida, disse: Ide e ensinai (cf. Mt 28,19). O que Jesus tinha ensinado é a verdade. Depois disse: guiai as almas, fazei que vivam como eu ensinei; é o que se refere à moral. Depois batizai, isto é, dai às almas a graça por meio do batismo” (Pe. Alberione).

Portanto, esta é a síntese da Espiritualidade Paulina: ocupar-nos de tudo o que é bom, santo, louvável, justo e honroso (cf. Fl 4,8-9).

Pela pertença aos Institutos Paulinos, exercemos nosso apostolado em nosso ambiente social, no mesmo espírito do Apóstolo Paulo, necessitando para isso conhecer sua vida e suas cartas, para imitá-lo no zelo de anunciar Cristo.

Finalmente, necessitamos da fé, da esperança e da caridade. A Espiritualidade Paulina nos impele a contemplar e imitar o Mestre Divino como modelo de vida obediente, casta, pobre, humilde e caridosa, no zelo e amor pelas pessoas e na busca constante da glória do Pai.

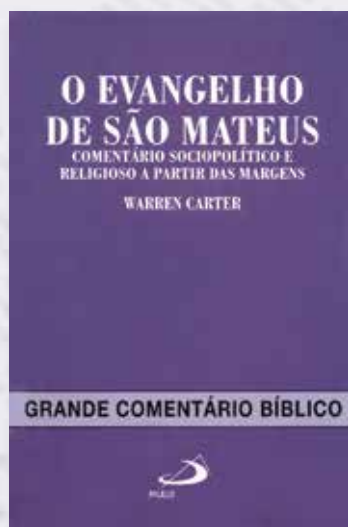
PROPOSTA PARA VOCÊ – Procura uma orientação em sua vida? Quer testemunhar o evangelho no ambiente em que você vive? Conheça os Institutos Paulinos de vida secular consagrada, fundados pelo bem-aventurado Tiago Alberione (1884-1971), inspirador e pai da Família Paulina. * Anunciatinas (para mulheres) * Gabrielinos (para homens) * Santa Família (para casais) * Jesus Sacerdote (para sacerdotes e bispos diocesanos).

Informações: Institutos Paulinos – Via Raposo Tavares, km 18,5 – CEP 05576-200 – São Paulo/SP institutospaulinos@paulinos.org.br – Visite o nosso site: <http://www.paulinos.org.br/>

Setembro, Mês da Bíblia

Reflexão do Evangelho de Mateus

720 págs.

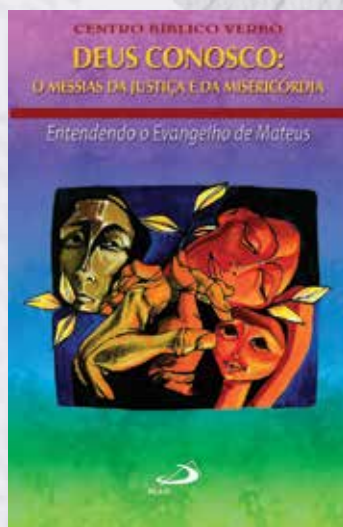


O evangelho de São Mateus

Warren Carter

Texto de resistência e esperança. Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens.

128 págs.



Deus conosco

O messias da justiça e da misericórdia
Centro Bíblico Verbo

Preparado para reflexão e círculos bíblicos no mês da Bíblia 2014.

160 págs.



Mateus, o evangelho

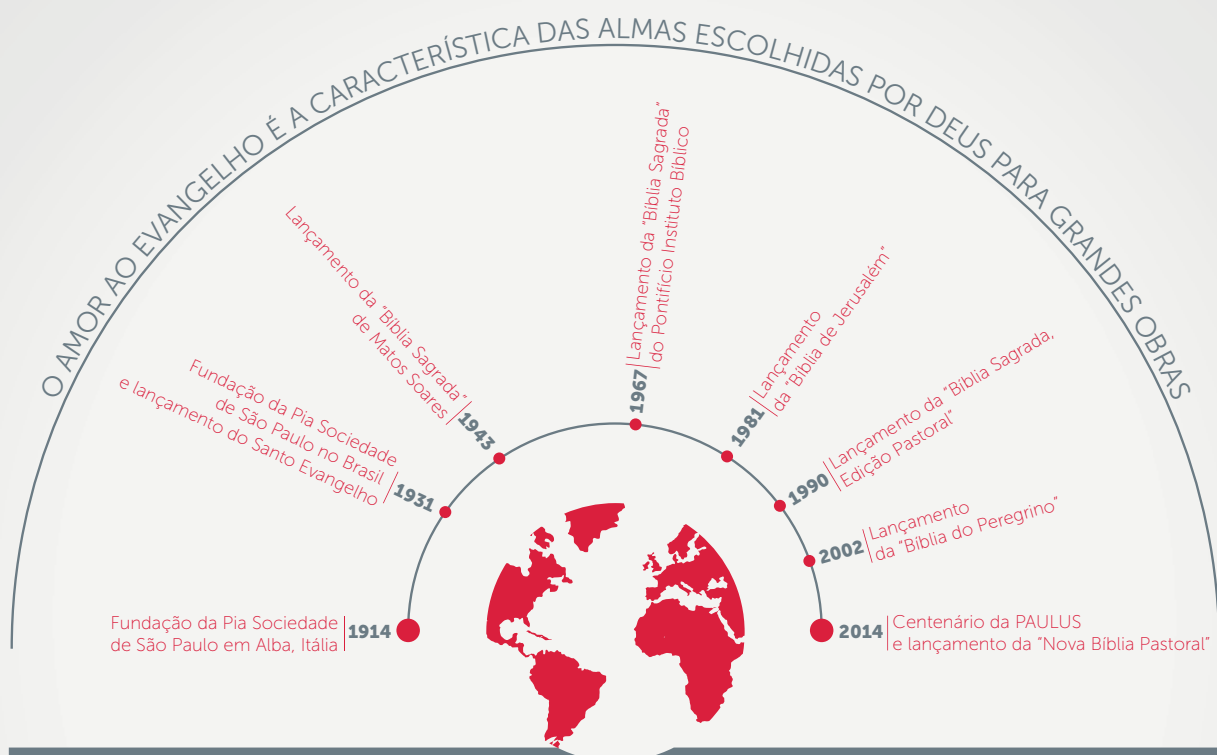
João Leonel

Síntese ampla do que tem sido dito, abertura a novas possibilidades de leitura, e grande abrangência bibliográfica.

VENDAS:

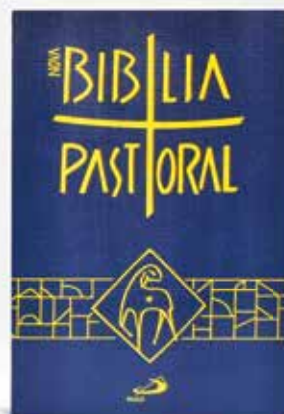
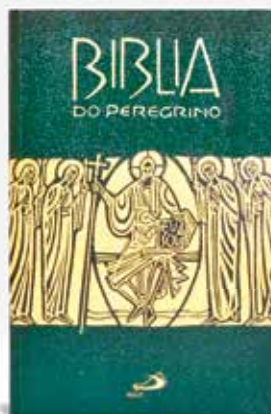
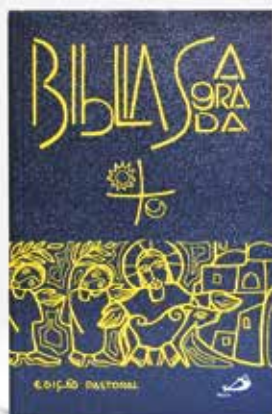
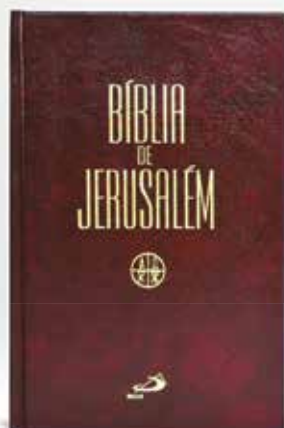
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

CAMPANHA MÊS DA BÍBLIA 2014



HÁ 100 ANOS, A PAULUS VIVE ESSE AMOR POR MEIO

DE SUA ATUAÇÃO NO CAMPO DA ANIMAÇÃO BÍBLICA.



100 ANOS COMUNICANDO A PALAVRA

Descontos oferecidos para todas as Bíblias (**Edição Pastoral, Peregrino e Jerusalém**), de **5 de agosto a 30 de setembro** de 2014 ou até o final do estoque. Somente para pagamentos à vista.

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br

